

# METROPOLIS



EDIÇÃO 98 | SETEMBRO 2023 | ANO XI  
CINEMAMETROPOLIS.COM

## THE EQUALIZER CAPÍTULO FINAL **3**

**RENTRÉE 2023**

**ANTOINE FUQUA**

**FESTIVAL DE CINEMA  
DE LOCARNO**

**AHSOKA**



# 24ª FESTA DO CINEMA FRANCÊS

## 5 A 31 OUTUBRO 2023

5 A 20: LISBOA  
10 A 14: ALMADA  
17 A 31: PORTO  
18 A 21: FARO  
18 A 21: COIMBRA  
19 A 28: OEIRAS  
25 A 28: LAGOS  
25 A 28: VISEU  
25 A 28: ÉVORA  
7 A 9 NOV\*: BEJA

@festadocinemafrances | www.festadocinemafrances.com



Apresentada por



Parceiros



Apoio de divulgação





#### DIRECTOR

Jorge Pinto

#### EDITORA DE TELEVISÃO

Sara Quelhas

#### REDACÇÃO

Catarina Maia

Nuno Antunes

Tatiana Henriques

Sérgio Alves

#### COLABORADORES

Hugo Gomes

Inês N. Lourenço

Marco Oliveira

Manuel C. Costa

Rui Pedro Tendinha

Rodrigo Fonseca

Sara Afonso

Tiago Alves

#### SITE

Teófilo Martins - Mistério Frenético

#### DESIGN

Maria João Barcelos

#### CAPA

©2023 CTMG. All Rights Reserved.

---

**SETEMBRO 2023 – NÚMERO 98**

---

editor@cinemametropolis.com  
facebook: revistametropolisportugal

# METROPOLIS

Uma coisa é certa. Assistimos a um momento de viragem, que ficará gravado na cronologia da História do cinema. Os atores e argumentistas estão em greve, os filmes e séries mais aguardados estão a ser adiados – provavelmente para depois da *season* dos principais festivais de cinema e das cerimónias de entrega de prémios da Sétima Arte –, e o mundo decidiu vestir-se de rosa depois da estreia de um dos filmes mais vistos de sempre, «Barbie». Num mês em que o festival de cinema mais antigo abre as suas portas sem as grandes estrelas norte-americanas a chegarem nos táxis-gôndolas e a pisarem o *red carpet* com os seus modelos de alta costura, o mundo assiste ao fenómeno “Barbenheimer”, que tem “rebentado” todas as escalas de bilheteira. O efeito «Barbie» não se verifica apenas na América do Norte. O filme rendeu 122,2 milhões de dólares (110 milhões de euros) a nível internacional durante o fim-de-semana de estreia e a sua contagem global atingiu recentemente os 1.3 mil milhões de dólares, tornando-se o maior êxito de bilheteira dos estúdios da Warner Bros.

Além da grande máquina de marketing que se instalou mundialmente e que levou às salas até quem não faz ideia do que trata o filme de Greta Gerwig ou, inclusive, que boneca era a Barbie e o que significou para uma determinada geração, não deixa de ser interessante que um filme que coloca o foco numa boneca vs. realidade seja um dos maiores êxitos de bilheteira de todos os tempos. Isto numa altura em que a greve dos atores debate, precisamente, o elemento “boneco” que querem criar de si próprios. Os atores da grande máquina americana, que se juntaram à greve dos argumentistas iniciada em julho para reclamar melhores condições de trabalho, revoltam-se precisamente pelo facto de os Estúdios quererem socorrer-se de ferramentas de Inteligência Artificial para escrever argumentos e para duplicar e guardar a imagem de atores, de forma a serem usados quando quiserem, sem que os mesmos possam lucrar ou ter poder sobre isso.

Quando um filme pretende mostrar que o ser humano deve aceitar ser o que é, que deve assumir as suas imperfeições (e não vê-las como tal), e muito menos deixar-se sujeitar pelo poder dos outros, não deixa de ser irónico a indústria querer precisamente assumir a perfeição que a tecnologia é capaz de gerar, rejuvenescendo atores ou trazendo “à vida” outros que já faleceram.

É cada vez menor a distância entre máquina e “homem”, e se os humanos não perceberem que a dita perfeição está na autenticidade e originalidade, e que só isso nos pode efetivamente diferenciar, cairemos todos no erro de nos tornarmos “bonecos”, à mercê do que alguém definir como sendo o bom e o perfeito.

**SARA AFONSO**



NAPOLEÃO DE RIDLEY SCOTT

## THE EQUALIZER 3

É o cair do pano numa trilogia que tem como principais eixos Denzel Washington e o realizador Antoine Fuqua.

## RENTRÉE 2023

A **METROPOLIS** cumpre a sua tradição outonal ao apontar coordenadas para os principais filmes da época alta nas salas de cinema.

## AHSOKA

Uma personagem que ganhou o seu espaço no expansivo universo Star Wars tem finalmente a sua própria série na Disney+.



## FILMES

- 95 NEM PENSES QUE TE VOU CONVIDAR PARA O MEU BAT MITZVAH
- 96 TED K
- 97 FALCON LAKE
- 98 UMA BOA PESSOA
- 99 FALCON LAKE
- 100 UMBERTO ECO A BIBLIOTECA DO MUNDO
- 101 FALA COMIGO
- 102 BLUE BEETLE
- 105 GRAN TURISMO
- 106 BREVEMENTE
- 107 QUADRO DE ESTRELAS

## SÉRIES

- 70 ONE PIECE
- 72 SHELTER
- 74 BUPKIS
- 76 TELEMARETERS
- 78 AHSOKA

## CINEMA EM CASA

- 110 O REI MACACO
- 111 MARCEL THE SHELL WITH SHOES ON
- 112 HEART OF STONE

8 **OPINIÃO** BARRY LEVINSON ANDA POR AÍ

09 **CINEMA BRASILEIRO**

10 **THE EQUALIZER 3**  
ANTOINE FUÇA EM ENTREVISTA

20 OS MERCEN4RIOS

22 O CRIADOR

24 A SIBILA

26 ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES

28 THE NOTHINGNESS CLUB

30 JEANNE DU BARRY

32 AS MARVELS

34 O ASSASSINO

36 THE HUNGER GAMES

38 NAPOLEÃO

40 WISH: O PODER DOS DESEJOS

42 MAY DECEMBER

44 WONKA

46 AQUAMAN AND THE LOST KINGDOM

48 NEXT GOAL WINS

50 POBRES CRIATURAS

52 PRISCILLA

54 MAESTRO

60 FESTIVAL DE CINEMA DE LOCARNO

64 O PORTEIRO PAULO FONTENELLE

88 TVCINE

REVISTA DE CINEMA  
**METROPOLIS**



**DENZEL WA**

**THE  
EQUA**

**JÁ EM CINEMAS**



# SHINGTON

# EQUALIZER

## CAPÍTULO FINAL



[/SonyPicturesPortugal](#)  
[@sonypicturesportugal](#)

[@sonypicturespt](#)  
[#TheEqualizer3CapituloFinal](#)



SONY



COLUMBIA PICTURES  
a Sony Company



PROPERTY OF COLUMBIA TRISTAR MARKETING GROUP, INC. FOR AUTHORIZED PROMOTIONAL USE ONLY. SALE, DUPLICATION OR TRANSFER OF THIS MATERIAL IS STRICTLY PROHIBITED.



# BARRY LEVINSON ANDA POR AÍ

OPINIÃO  
JOÃO LOPES



Para o melhor e para o pior, os dirigentes dos grandes estúdios americanos têm vivido uma crise de imaginação que os leva a “refazer” filmes de um passado mais ou menos distante. Ou então a entrar

numa espiral de sequelas cuja motivação parece, quase sempre, pouco consistente.

Eis uma variação anunciada que merece o benefício da dúvida. Lembram-se do magnífico «Goodfellas» / «Tudo Bons Rapazes» (1990), de Martin Scorsese? Baseava-se em “Wiseguy”, livro de investigação do crime organizado da autoria de Nicholas Pileggi que colaborou com Scorsese na respectiva adaptação. Pois bem, para fevereiro de 2024, está agendado o lançamento de «Wise Guys» (agora no plural e escrito com duas palavras), centrado nas personagens de dois mafiosos, Vito Genovese e Frank Costello — com argumento de Pileggi!

Não é uma “continuação” do filme de Scorsese, mas, ironicamente, parece existir alguma proximidade simbólica. Assim, além da presença de Pileggi, o elenco é liderado por Robert De Niro, precisamente

um dos nomes centrais de «Goodfellas». Desta vez em “duplicado”: De Niro, dizem as notícias, surgirá a interpretar Genovese e... Costello!

Enfim, «Wise Guys» (anunciado para 1 de fevereiro nos ecrãs portugueses) tem assinatura de um cineasta veterano que não desapareceu mas, convenhamos, não tem tido grande visibilidade nos meios de comunicação. É ele Barry Levinson (fez 81 anos a 4 de abril), responsável por títulos tão conhecidos como «Bom Dia, Vietname» (1987) e «Rain Man» (1988), ou ainda «Toys» (1992), este pelas piores razões, já que foi um aparatoso falhanço comercial.

Em boa verdade, Levinson nunca parou de filmar, em particular em formatos televisivos — penso, por exemplo, no subtil telefilme «Madoff: Teia de Mentiras» (2017), sobre o escândalo Madoff, com De Niro e Michelle Pfeiffer, ou na excelente mini-série «Dopesick» (Disney+), sobre o escândalo da Purdue Pharma (Levinson dirigiu os dois primeiros episódios de um total de oito). Entre cinema e streaming, a sua resistência reflecte a virtude maior da sua trajetória: para lá dos seus altos e baixos («Toys» era mesmo um filme à deriva...), Levinson possui as virtudes, e a capacidade de adaptação, de um genuíno artesão.



# LANTERNA MÁGICA DE GAITÁN

## CINEMA BRASILEIRO

RODRIGO FONSECA



Apesar de toda a aflição que acontece para recuperar os números de bilheteira surripiados pela pandemia, o cinema brasileiro, muito esvaziado das suas bilheteiras de outrora, vive momentos de alegria em 2023 na

afirmação da sua vertente poética, com a estreia de «Capitu e o Capítulo», de Julio Bressane, e de «Retratos Fantasmas», de Kleber Mendonça Filho. Mas o principal evento do ano nas telas do Brasil - quando o quesito é a invenção de linguagem - foram as exposições, ao longo do mês de agosto, de «Luz nos Trópicos». Trata-se de um dos maiores experimentos narrativos já produzidos pelas engrenagens do audiovisual latino-americano nas últimas duas décadas. Exibido na Berlinale de 2020, sob aplausos, às vésperas de começar o surto de covid-19, a arrebatadora produção de 255 minutos de duração - falados em português, francês, kuikuro e outros idiomas - amplia o prestígio da artista visual Paula Gaitán como cineasta.

Ela é mundialmente reconhecida pela sua transgressão às convenções da imagem como artista visual. Como realizadora, foi premiada planeta adentro pelas narrativas poéticas de «Uaka» (1988) e «Exilados do Vulcão» (2013).

O que ela promove em «Luz nos Trópicos» é uma travessia ligada à floresta e à cosmogonia indígena, com histórias que correm em paralelo, separadas por 150 anos no Tempo, num espaço fluvial. São cosmologias que se cruzam pelos rios das Américas. De um lado, vê-se um jovem indígena numa jornada pelas matas brasileiras. Do outro, vemos um grupo de europeus também em curso rio acima, só que mediados por uma interlocução com o cinema.

No filme, a atriz Clara Choveaux brilha numa radical investigação sobre realismos utópicos, ao lado de Carlotto Cotta, Begê Muniz, Kanu Kuikuro, Maíra Senise, Arrigo Barnabé, Vincenzo Amato e mais uma leva de talentos. É uma engenharia poética, que investiga as origens da Pangeia Latina, com ecos da milenar cultura das populações indígenas.



# THE EQUALIZER 3: CAPÍTULO FINAL

## ENTREVISTA ANTOINE FUQUA REALIZADOR

Desde que desistiu da sua vida como assassino do governo, Robert McCall (Denzel Washington) tem lutado para reconciliar as coisas horríveis que fez no passado e encontra um estranho consolo em servir a justiça em nome dos oprimidos. Ao sentir-se surpreendentemente em casa no Sul de Itália, descobre que os seus novos amigos estão sob o controlo dos chefes do crime local. Quando os acontecimentos se tornam mortais, McCall sabe o que tem de fazer: tornar-se o protetor dos seus amigos, enfrentando a máfia.

A relação criativa de Antoine Fuqua com Denzel Washington começou a ser forjada quando

realizaram o filme vencedor de um Óscar, «Dia de Treino», em 2001, e que se aprofundou à medida que embarcaram em «The Equalizer - Sem Misericórdia» (2014), «Os Sete Magníficos» (2016), «The Equalizer 2 - A Vingança» (2018) e, depois, na última parte da trilogia, «The Equalizer 3».

**O cinema é uma colaboração e no centro dessa colaboração está você e o Denzel. Porque é que funciona tão bem?**

**Antoine Fuqua:** A confiança é uma grande parte do processo. O Denzel sabe que vou fazer o meu trabalho, não tem de se preocupar com isso e, obviamente, eu não tenho de me preocupar com o Denzel Washington! (risos). É uma





questão de confiança e também de um ritmo que temos. Quando não estamos a fazer um filme, vemos aqui e ali, pomos a conversa em dia, comemos qualquer coisa ou vamos a um jogo dos Lakers, e quando voltamos a juntar-nos para fazer um filme temos um ritmo. Sentamo-nos numa sala e ficamos a conversar - e não falamos do filme, falamos apenas da vida, dos nossos filhos, das nossas famílias, e é um ritmo que começa. Eu compreendo-o e ele compreende-me. É respeito. É isso que é.

#### **O CAPÍTULO FINAL**

**Este é o terceiro filme de uma trilogia e é o fim de uma era.**

#### **Como é que foi fazer «The Equalizer 3: Capítulo Final»?**

**Antoine Fuqua:** Para começar, foi fantástico estar a filmar em Itália. Foi incrível e foi um sonho. E trabalhar novamente com o Denzel neste filme - e com o Todd (Black, produtor), o Jason (Blumenthal, produtor) e o Richard (Wenk, argumentista) - foi muito divertido. Ter a oportunidade de o fazer em Itália - na costa de Amalfi, em Roma e Nápoles - é um sonho para qualquer realizador. É preciso aprender um pouco de italiano e pode haver problemas de tradução (risos). É preciso habituarmos a esse ritmo e, tirando isso, é fantástico.

**Quão importante é a existência**

#### **de um núcleo emocional nos filmes Equalizer? E como é que isso entra em jogo quando ele está em Itália em «The Equalizer 3»?**

**Antoine Fuqua:** É a chave. O núcleo emocional são as pessoas - o núcleo emocional é a sua ligação às pessoas. São pessoas normais. Não são extravagantes, estão apenas a viver as suas vidas como a maioria das pessoas, como a minha família em Pittsburgh. Chamamos-lhes "pessoas da campanha do almoço" - vão para o trabalho, almoçam quando a campanha toca, voltam para o trabalho e depois vão para casa ter com a família e tentam fazê-lo com o máximo de honra e dignidade possível e ser uma pessoa decente.



DAKOTA FANNING

E depois há sempre um outro elemento que pode entrar em jogo e que pode estar a tentar causar-nos danos. O que importa são as pessoas, a humildade e o charme, e é aí que está o coração de Equalizer.

## A HISTÓRIA

### O que nos pode dizer sobre Equalizer 3?

**Antoine Fuqua:** McCall é arrastado para a vida desta pequena cidade onde se encontra depois depara-se com a Camorra, que é a nova Máfia, por assim dizer. Este grupo é chamado de bárbaro porque é mais jovem e um pouco mais agressivo e selvagem. E ele tem de lidar com isso. Vê-os a apertar a cidade, a quererem apoderar-se da costa, e ele não é

homem para ficar parado. Ele quer ir-se embora, quer ir para casa e tratar dos seus assuntos, mas não é assim que ele é.

### Robert McCall é um herói muito americano em muitos aspectos. O que tirá-lo da América e colocá-lo em Itália confere à história?

**Antoine Fuqua:** Bem, é uma ótima história de alguém fora do seu elemento e penso que todos nos podemos identificar com isso. Quando se viaja um pouco pelo mundo, dá-se por si em países estrangeiros e McCall tem de se habituar a esse ritmo e a essa cadência. Acho que o facto de McCall estar lá é que, independentemente do sítio onde se esteja, há alguém que abusa das pessoas no mundo. Penso que

colocar McCall num lugar como aquele (para este filme) foi uma recordação de que coisas más acontecem em qualquer parte do mundo e é bom ter um herói.

### Robert encontra-se nesta pequena cidade em Itália e há uma parte dele que se sente atraída por essa comunidade porque aí encontra consolo?

**Antoine Fuqua:** Sim, absolutamente, ele é obrigado a fazê-lo. Vai lá para fazer o que faz, que é corrigir um erro, e depois quer ir-se embora, mas começa a apaixonar-se pelo encanto do lugar e pelas pessoas de lá. Ele entra no filme um pouco mais sombrio do que o McCall que vimos nos outros filmes, porque agora está sozinho no mundo; a sua mulher morreu, Susan (Plummer, a sua



antiga assistente, interpretada por Melissa Leo) morreu, os seus irmãos, a sua equipa, traíram-no em «Equalizer 2», por isso está sozinho e está a tentar encontrar um lugar no mundo. Não se apercebe muito bem disso, mas está a tentar encontrar um lugar para se estabelecer. Quer pertencer a uma comunidade.

**Denzel e a Dakota Fanning fizeram juntos «Homem em Fúria», há 20 anos. Como é que foi ter a Dakota em «The Equalizer 3»? E pode falar um pouco sobre a personagem dela neste filme...**

**Antoine Fuqua:** Bem, antes de mais, foi ótimo tê-la a bordo. Foi o mais tranquilo possível. E foi interessante para mim ver o Denzel e a Dakota a desenvolverem-se, agora que ela

é uma mulher adulta. Para mim, foi engraçado ver o Denzel com ela, porque me lembro de alguns dias em que ele olhava para ela e não conseguia acreditar que ela já era adulta e o desafiava nas cenas (risos). E foi divertido observar e ver como eles faziam as suas coisas e dava para ver o quanto ele a ama. Ele gosta mesmo muito. Ela interpreta uma jovem agente da CIA que trabalha mais na deteção de fraudes financeiras e esta é a sua primeira visita ao terreno. Ela recebe uma dica de McCall e os seus caminhos cruzam-se.

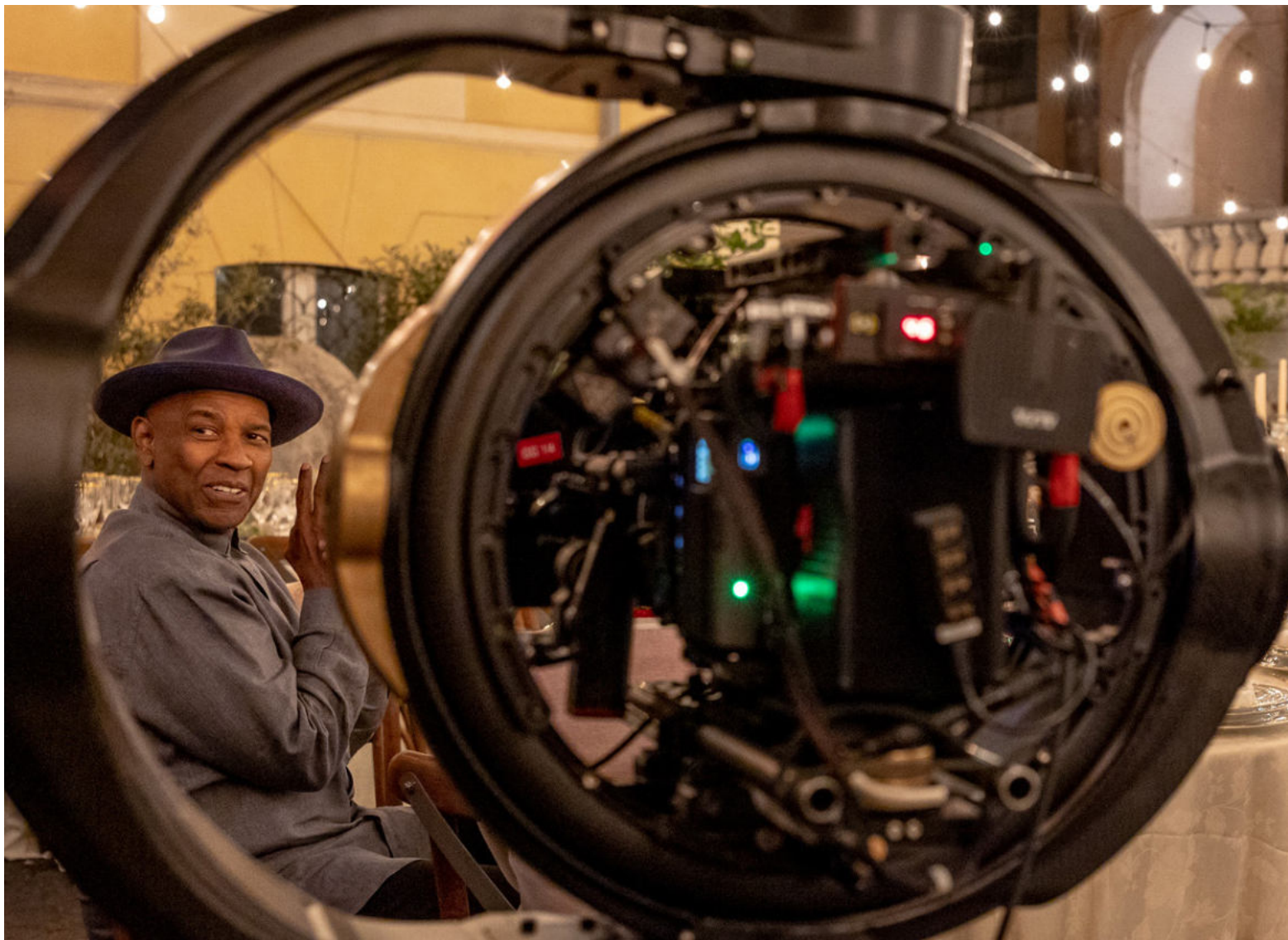
#### **O PROTAGONISTA**

**Porque é que acha que Robert McCall é a única personagem que Denzel voltou a interpretar no grande ecrã?**

**Antoine Fuqua:** Deixem-me

falar primeiro como amigo, isto é realmente quem o Denzel é. O Denzel é um tipo que vê um sem-abrigo na rua, a vaguear pela rua, e isto aconteceu mesmo - acho que o tipo estava drogado ou assim, estava a vaguear pela rua e podia ter sido atropelado por um carro e o Denzel parava o carro, saía e tirava o tipo da rua. Ele tem estado em bairros, comigo, bairros muito difíceis, e vê um miúdo que devia estar na escola, mas não está, e sabemos que o miúdo está a fazer algo que não devia, e eu vi o Denzel ir falar com esse miúdo, que é bastante difícil, e acabar por fazer com que o miúdo o leve à mãe e vá a casa do miúdo nos bairros sociais e lhe dê algum dinheiro para o ajudar a pôr a vida em ordem. O Denzel é mesmo assim. Ele faz muitas coisas assim, sem a imprensa ou qualquer outra





coisa - ele simplesmente faz.

**Então há um pouco de Denzel em McCall?**

**Antoine Fuqua:** Sim, é quem ele realmente é. Ele é o tipo que se levanta às quatro da manhã para ver o nascer do sol, esse é o Denzel. Agora sou eu que atendo o telefone às quatro da manhã quando ele está a ver o nascer do sol (risos). E eu digo: "Denzel, sou o realizador do filme, tenho mais uma hora para dormir!" (risos).

**Por que é que essa personagem tem tanta ressonância junto do público?**

**Antoine Fuqua:** Vemos tantas coisas más nas notícias, mas penso que no âmago da maioria dos seres humanos está a bondade e que querem ver uma personagem que seja como eles, uma personagem

com a qual se possam identificar e que poderiam ser, se tivessem essas competências, para ajudar outras pessoas. E o segredo é fazê-lo sem procurar uma recompensa. Robert McCall não está à procura de uma recompensa e não está à procura de reconhecimento. Se ele ajuda alguém, essa pessoa nem sequer sabe que foi Robert McCall que a ajudou. Penso que isso faz parte do encanto, da magia, do facto de desejarmos ter essa pessoa no mundo a cuidar da injustiça.

**Ele é um homem assombrado?**

**Antoine Fuqua:** Ele é definitivamente um homem assombrado. E eu e o Denzel falámos muito sobre isso. Verá que a violência pode, por vezes, apoderar-se de nós e que nos sentimos atraídos pelas razões certas no início e, depois, algures,

torna-se cinzento e começamos a questionar-nos: "Será que estamos a gostar demasiado? Não estamos a fazê-lo apenas pelas pessoas, começamos a fazê-lo por um pouco de satisfação de que precisamos e é interessante explorar isso.

**Qual é a sua teoria sobre o relógio e o cronómetro que McCall usa antes de ir lutar?**

**Antoine Fuqua:** Ele está a tentar encontrar a ordem. É a maneira dele de encontrar a ordem, ele é um pouco estranho nesse sentido, mas precisa de encontrar coisas que sejam consistentes e que tenham ordem. Ele tentou ter ordem na sua vida e o caos seguiu-se - ele amava a sua mulher e ela morreu, ele tinha uma irmandade e eles traíram-no, ele tinha a Susan e ela foi assassinada. Por isso, a única coisa que ele pode controlar é o que está





DENZEL-WASHINGTON, ANTOINE-FUQUA

à sua frente. Há um velho ditado que diz que se conseguirmos esticar os braços, tudo o que conseguirmos tocar podemos controlar até certo ponto. Assim, as únicas coisas que ele pode controlar - os guardanapos, o chá - são as suas consistências diárias.

#### A RODAGEM

##### **O que é necessário fazer do ponto de vista físico para executar um filme como este?**

**Antoine Fuqua:** É preciso estar em forma para o fazer. Estamos a fazer coreografias de ação e é engraçado porque a Costa Amalfitana é um lugar tão bonito e assim que se diz "filmámos em Itália" não pode haver queixas, não quero ouvir queixas! Mas nalguns destes locais, como Atrani, por muito bonitos que sejam, tudo se

resume a calçada e degraus - tudo! Por isso, quando encontrámos estes locais e havia degraus para subir, na verdade eram 700 e tal degraus, perguntei a alguns dos rapazes, "bem, como é que vamos levar o equipamento lá para cima? E disseram-me, "oh, vamos usar burros..." Bem, eu nunca vi um burro, vi a equipa a carregar o equipamento, a suar e a cambalear, e eu e o Denzel, os nossos joelhos estavam a matar-nos - ambos tínhamos sacos de gelo - e foi um bocado embaraçoso porque as pessoas idosas que viviam ali estavam a subir e a descer aqueles degraus como se não fosse nada (risos). Passavam por nós e acenavam-nos com a cabeça e eu dizia: "Não percebo isto... E o Denzel e eu ficávamos ali sentados a tomar Advils [comprimidos para as dores]. Foi uma loucura. E

também estava calor, muito calor. Mas era lindo.

##### **É óbvio que quer o Denzel nas filmagens, mas há alturas em que tem de lhe dizer "deixa o duplo fazer isso"?**

**Antoine Fuqua:** Sim. O Denzel é engraçado. Há alturas em que penso que uma coisa pode ser fisicamente demasiado pesada devido à sua natureza e digo: "Posso pedir ao duplo que faça isto e posso filmar assim". E nunca se sabe, porque ele pode dizer: "Não, eu sou bom, eu faço-o. Deixa-me fazê-lo. Deixa-me ser eu a fazê-lo." E se calhar ainda vou filmar algumas coisas com o duplo dele a fazê-lo também, por precaução. Mas eu não gosto particularmente que ele faça tanto quanto ele gostaria de fazer. Mas agora ele está a treinar como um monstro, perdeu cerca de 25 quilos e está no «Gladiador 2» e está com um aspeto fantástico. Está a tentar inverter o tempo (risos).

#### NA HORA DA DESPEDIDA

##### **Como foi o último dia de Denzel no estúdio e como foi quando terminaram este projeto de 10 anos?**

**Antoine Fuqua:** Foi emocionante para mim. Mas isso acontece sempre depois. O Denzel não gosta de se despedir assim, não é assim que ele é. Neste filme, ele despediu-se de toda a gente e depois foi-se embora. Para mim, depois de me despedir da equipa e de dizer ao Bob Richardson (diretor de fotografia) "Vemo-nos mais tarde". Entrei no meu carro e senti-me no fim. Foi gratificante e uma bênção, no sentido em que tinha sido uma oportunidade incrível fazer três filmes consecutivos, fazer cinco filmes com o Denzel, mas fazer três Equalizers, foi bastante incrível, por isso foi um pouco agridoce a ideia de que era o fim.









A **METROPOLIS** como é do seu apanágio apresenta as principais propostas do cinema Outono/Inverno. Uma mão cheia de grandes títulos para todos os gostos e prontos a encher as salas de cinema.

**TATIANA HENRIQUES**

# RENTRÉE 2023





# OS MERCEN4RIOS

## HISTÓRIA

A equipa composta por experientes mercenários de elite enfrenta um traficante de armas que controla um perigoso e vasto exército privado.

## REALIZAÇÃO

SCOTT WAUGH («Need for Speed: O Filme», 2014; «O Poder e o Impossível», 2013)

## ELENCO

SYLVESTER STALLONE, JASON STATHAM, DOLPH LUNDGREN, ANDY GARCIA, MEGAN FOX

## DATA DE ESTREIA

21 de Setembro

O cinema de ação tem acompanhado a história do Cinema, ganhando um maior impulso na década de 1970, sobretudo graças aos filmes de artes marciais, com Bruce Lee como maior representante. Na década seguinte, surgiram obras de grande orçamento e novos heróis, entre os quais se destacaram nomes como Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger ou Bruce Willis, com obras como «A Fúria do Herói» (1982), «O Exterminador Implacável» (1984) e «Die Hard - Assalto ao Arranha-Céus» (1988), respetivamente. Todos se tornaram enormes estrelas de filmes de ação.

Algumas décadas depois, Stallone levou a





cabo uma empreitada mais arrojada: juntar, num único filme, vários atores renomados do género, de diferentes épocas. O resultado foi «Os Mercenários» (2010), realizado e escrito pelo próprio, que também participa como ator, além de Jason Statham, Jet Li, Dolph Lundgren -, bem como Schwarzenegger e Willis em papéis mais reduzidos. A nova saga teve direito a mais dois filmes: «Os Mercenários 2» (2012) e «Os Mercenários 3» (2014), realizados, respetivamente, por Simon West e Patrick Hughes.

A trupe está, de novo, reunida para um novo filme, para enfrentar um novo e perigoso inimigo

que ameaça a segurança do mundo. Iko Uwais interpreta o vilão, Rahmat, um antigo soldado que se torna num traficante de armas e cujo exército privado irá enfrentar o grupo de mercenários. Stallone, Statham, Lundgren e Randy Couture estão de volta, com a adição de Andy Garcia, Megan Fox e 50 Cent.

A realização de «Os Mercenários» está a cargo de Scott Waugh, já habituado ao género após ter assinado «Need for Speed: O Filme» e sobretudo devido ao facto de ser um anterior duplo. O argumento é assinado por Kurt Wimmer, Tad Daggerhart e Max Adams.



# MERCENÁRIOS

## A SAGA

As receitas na ordem dos US\$ 805 milhões fizeram da franquia «The Expendables» uma garantia de salas exibidoras lotadas a partir de um conceito idealizado por Sylvester Stallone que trouxe de uma incursão musical. Ao levar a sua mulher, a modelo Jennifer Flavin, a um show de blues e jazz, que reunia talentos do passado, egressos de bandas e orquestras distintas, ela comentou com o eterno Rocky: “Só você para gostar destes velhos”. Ele explicou ao longo do tributo que ganhou de Cannes, em 2019, o encantamento provocado pela

junção de lendas, nunca antes reunidas. Foi o que ele disse a Jennifer. Ao fim da afirmação da esposa, veio a ideia. Por que não aplicar esse conceito ao cinema, reunindo consagrados dos filmes de ação dos anos 1980 e 90. Parceiros de outrora, como Wesley Snipes e Dolph Lundgren, foram misturados a estrelas como Jet Li, Van Damme e Terry Cruz, abrindo espaço, nos anos seguintes para mulheres como Nan Yu, Ronda Rousey e Megan Fox. Mas o eixo da dramaturgia estava na confiança de Sly em Jason Statham, uma espécie de





herdeiro histórico do posto do espalha-brasas da pancadaria. “Todos personagens que encarnamos, no universo de ação, têm a dimensão taciturna e a retidão de um samurai”, disse Statham à revista **METROPOLIS**. “O grande diferencial do gênero é encontrar o lado humano por detrás das missões”.

Lee Christmas tornou-se o Expendable nº1, herdando o comando de campo do estratega Barney Ross (Stallone). O sucesso recente da saga “The Meg” ampliou o prestígio popular de

Statham, o que pode fazer do quarto filme um fenômeno na venda de ingressos, renovando a relevância comercial do cinema de ação num momento em que “John Wick” renovou todos os códigos estéticos do filão. A lógica em que Sly se fia para a construção das narrativas evoca “Os Três Mosqueteiros”: “Um por todos, e todos por um”. É o que se vê agora, na novo longa, com o ímpeto de Christmas para salvar seus companheiros.

O primeiro “The Expendables”, traduzido em português como

“Os Mercenários” foi rodado parcialmente no Brasil, no Rio, em Mangaratiba. O seu argumento é inspirado levemente em «Os Sete Samurais» (1954), de Akira Kurosawa. O segundo filme, «The Expendables 2», surpreendeu a plateia ao trazer Chuck Norris de regresso aos cinemas. O seu personagem, o soldado da fortuna Booker, respeitado por todos, conta que foi picado por uma cobra venenosa. “O que aconteceu contigo depois disso”, pergunta Barney. A resposta de Booker: “A cobra morreu”.

**RODRIGO FONSECA**





## O CRIADOR

### HISTÓRIA

Num futuro distópico em que os humanos travam uma guerra contra as forças da inteligência artificial, Joshua (John David Washington), um antigo elemento das forças especiais, é escolhido para caçar e matar o Criador, o arquiteto responsável por uma arma que poderá acabar com a Humanidade.

### REALIZAÇÃO

GARETH EDWARDS («Godzilla», 2014; «Rogue One: Uma História de Star Wars», 2016)

### ELENCO

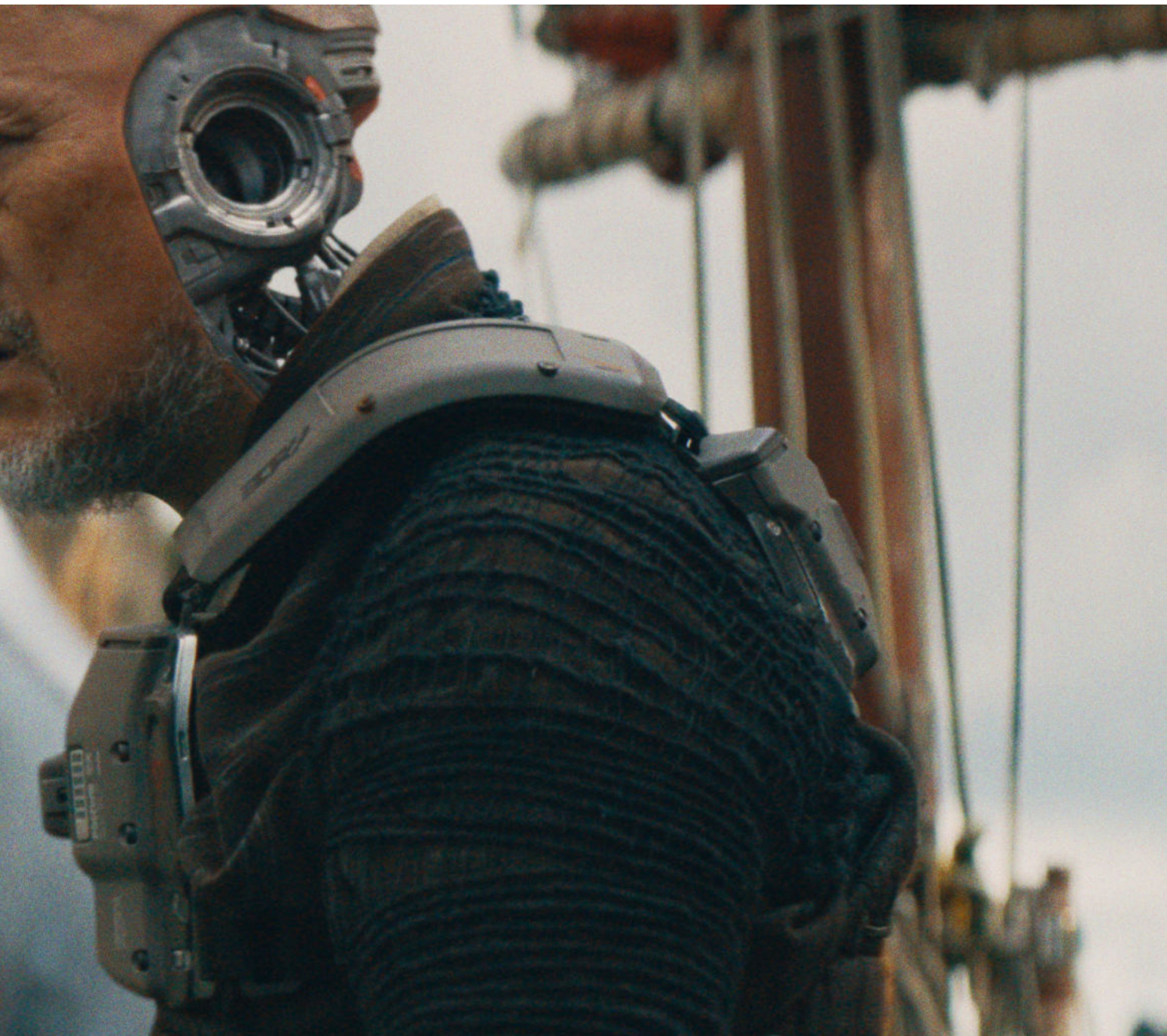
JOHN DAVID WASHINGTON, GEMMA CHAN.  
ALLISON JANNEY, KEN WATANABE

### DATA DE ESTREIA

28 de Setembro

O advento da inteligência artificial tem sido particularmente patente nos últimos tempos e, em alguns casos, com alguma polémica à mistura, como são exemplos o ChatGPT ou os casos de *deepfake*. Também o Cinema tem usado as ferramentas tecnológicas ao seu dispor, como em «Indiana Jones e o Marcador do Destino» (2023), em que foi possível rejuvenescer, em décadas, o octogenário Harrison Ford. A par das novidades tecnológicas, são também levantadas questões relativamente à sua utilização, incluindo a salvaguarda para que a máquina não ganhe ao Homem. E este é um tema que não é, de todo, novo, na Sétima Arte, como nos mostrou «O





«Exterminador Implacável» (1984), de James Cameron, numa saga cinematográfica também longa.

Em «O Criador», falamos de um futuro em que já está instalada a guerra entre Homem e forças de inteligência artificial, num cenário em que as máquinas poderão vencer se conseguirem apoderar-se de uma arma especial. O personagem principal consegue, de facto, atravessar as linhas inimigas e chegar ao coração do território ocupado, mas acaba por descobrir que a tal arma existe na forma de uma pequena criança, o que abala, por completo, a sua missão.

Gareth Edwards regressa à realização após «Rogue One: Uma História de Star Wars», num filme em que também assina o argumento, juntamente com Chris Weitz, nomeado para o Óscar de Melhor Argumento Adaptado por «Era Uma Vez Um Rapaz» (2002). Hans Zimmer, vencedor de dois Óscares, assina a banda-sonora de «O Criador».

A obra conta com John David Washington como protagonista, que tem cimentado a sua carreira nos últimos anos, com destaque para «BlacKkKlansman: O Infiltrado» (2018), «Tenet» (2020) e «Amesterdão» (2022). Em «O Criador», conta com a companhia de Allison Janney, Gemma Chan e Ken Watanabe.





# A SIBILA

## HISTÓRIA

Adaptação do romance homónimo de Agustina Bessa-Luís que retrata a relação entre Germana (Joana Ribeiro) e a tia, Joaquina Augusta (Maria João Pinho), em meados do século XX, no norte de Portugal.

## REALIZAÇÃO

EDUARDO BRITO

## ELENCO

MARIA JOÃO PINHO, JOANA RIBEIRO, RAIMUNDO COSME, SIMÃO CAYATTE

## DATA DE ESTREIA

12 de outubro

Agustina Bessa-Luís é um nome incontornável da Literatura Portuguesa e “A Sibila” uma obra marcante do século XX. Publicado em 1954, o livro centra-se nas intrigas e no percurso de duas gerações da família Teixeira entre o final do século XIX e meados do século XX. Além de ter conquistado muitos leitores ao longo de gerações, “A Sibila” venceu vários prémios, como o Prémio Delfim Guimarães (1953) e o Prémio Eça de Queirós (1954). A autora venceu também o Prémio Camões, em 2004, e algumas das suas obras já foram adaptadas ao Cinema, por Manoel de Oliveira, numa parceria rara entre dois nomes maiores da Cultura nacional,





que teve início com «Francisca» (1981).

O filme «A Sibila» assinala o centenário do nascimento da escritora e é a primeira longa-metragem de Eduardo Brito, que também assina o guião. O cineasta tem trabalhado como argumentista de Rodrigo Areias, Manuel Mozos e Paulo Abreu, mas também já realizou várias curtas-metragens, como «Declive» (2018) e «La Ermita» (2021).

O elenco conta com nomes como Ana Padrão, Sandra Faleiro, Emília Silvestre e Simão Cayette. Os papéis principais são entregues a Maria João Pinho e Joana

Ribeiro, ambas com currículo preenchido, seja no Cinema ou na Televisão, sendo que participaram, recentemente, na primeira série da Netflix em Portugal, «Glória» (2021).

A rodagem de «A Sibila», que tem produção de Paulo Branco, teve lugar no Minho e em Marco de Canaveses. Tal como a obra literária, também o filme é contado em analepse por Germana, na Casa da Vessada, a propriedade no Norte de Portugal que herdou da tia, a Joaquina Augusta Teixeira, a sibila. O filme terá também uma versão em minissérie, que será exibida na RTP1.





# ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES

## HISTÓRIA

Na década de 1920, na região norte-americana de Oklahoma, sucedem-se misteriosos assassinatos que envolvem membros da tribo Osage, desencadeando uma grande investigação por parte do FBI.

## REALIZAÇÃO

MARTIN SCORSESE («O Touro Enraivecido», 1980; «Tudo Bons Rapazes», 1990; «O Lobo de Wall Street», 2013)

## ELENCO

LEONARDO DICAPRIO, ROBERT DE NIRO, LILY GLADSTONE, JESSE PLEMONS

## DATA DE ESTREIA

19 de Outubro

O realizador Martin Scorsese é um nome incontornável da História do Cinema, com uma carreira longa, aplaudida pelo público e reconhecida pelos pares. Ao longo do seu percurso, trabalhou com vários atores, mas há dois com os quais criou uma ligação mais especial: Robert De Niro e Leonardo DiCaprio, também dois nomes ímpares no que à Sétima Arte diz respeito. De Niro participou em dez filmes do cineasta e foi numa obra de Scorsese, «O Touro Enraivecido», que o ator conquistou um dos seus Óscares. Já DiCaprio fez parte de seis projetos do realizador e foi indicado para Óscares por «O Aviador» (2004) e «O Lobo de Wall Street».

Em «Assassinos da Lua das Flores», Scorsese junta, pela primeira vez, os seus dois atores de eleição e ambos voltam a colaborar no mesmo filme após





«A Vida Deste Rapaz» (1993). Foi até depois deste trabalho conjunto que De Niro falou de DiCaprio a Scorsese, que viria, depois, a escolhê-lo para ser um dos protagonistas de «Gangs de Nova Iorque» (2002).

A nova obra do realizador é uma adaptação do filme homónimo de David Grann, lançado em 2017, sobre uma série de casos misteriosos de assassinatos em Oklahoma, na década de 1920. O filme de época aborda, assim, um período sombrio dos EUA, com homicídios relacionados com os direitos petrolíferos da tribo Osage, que era, naquela década, a população mais rica per capita. Havia sido descoberta uma vasta jazida de petróleo debaixo da terra que lhes tinha sido designada quando foram deslocados do seu território original, pelo que os cerca de 2000 osage recebiam uma percentagem dos lucros.

Além de De Niro e DiCaprio, participam, no filme, nomes como Jesse Plemons, John Lithgow e Lily Gladstone, que interpreta o papel de Mollie Burkhart, que faz uma petição ao Governo norte-americano para investigar os assassinatos das suas irmãs. Foi o primeiro grande caso de homicídios do Bureau of Investigation (BOI), que viria a tornar-se no FBI, em 1935. J. Edgar Hoover foi o último Diretor do BOI e o primeiro do FBI e, curiosamente, já foi interpretado por DiCaprio em «J. Edgar» (2011).

«Assassinos da Lua das Flores» teve a sua estreia na 76.<sup>a</sup> edição do Festival de Cinema de Cannes. Scorsese também assina o argumento, juntamente com Eric Roth, vencedor do Óscar de Melhor Argumento Adaptado por «Forrest Gump» (1994).



# THE NOTHINGNESS CLUB NÃO SOU NADA

## HISTÓRIA

Num mesmo local, o The Nothingness Club, Fernando Pessoa (Miguel Borges) trabalha juntamente com os seus heterónimos, entre os quais se incluem Ricardo Reis (Vítor Correia), Álvaro de Campos (Albano Jerónimo) e Alberto Caeiro (Miguel Nunes). É também presença deste clube Ofélia Queiroz (Victória Guerra).

## REALIZAÇÃO

EDGAR PÊRA («O Barão», 2011; «Virados do Averso», 2014)

## ELENCO

MIGUEL BORGES, VICTÓRIA GUERRA, ALBANO JERÓNIMO, MIGUEL NUNES, VÍTOR CORREIA

## DATA DE ESTREIA

26 de outubro

*Não sou nada.*

*Nunca serei nada.*

*Não posso querer ser nada.*

*À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

Assim tem início o poema “Tabacaria”, de Álvaro de Campos, um dos mais famosos da obra pessoana. A poesia de Fernando Pessoa fez com que transpusesse as barreiras do tempo e se tornasse num dos nomes incontornáveis da poesia a nível mundial. Pessoa viveu muitas vidas numa só, numa característica particularmente patente na multiplicidade dos seus heterónimos - estima-se que tenha criado mais de 70. Agora, Edgar Pêra junta alguns deles ao poeta em «The Nothingness Club - Não Sou Nada». Aqui, Fernando





Pessoa, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos ou Ricardo Reis produzem novos textos em simultâneo, como se se tratasse de uma redação ou um escritório - aliás, Pessoa foi também empregado de escritório.

Pêra volta, assim, ao universo pessoano, que tão bem conhece, já que assinou o documentário «Lisbon Revisited» (2014). O cineasta realiza e assina o argumento (neste caso, em conjunto com Luísa Costa Gomes). Contudo, grande parte do texto é da autoria do próprio Fernando Pessoa. O filme foi rodado no verão de 2020, em plena pandemia provocada pela Covid-19, num armazém da antiga Fábrica do Rio Vizela, em Vila das Aves, no concelho de Santo Tirso.

Miguel Borges dá vida a Pessoa, com Miguel Nunes, Albano Jerónimo e Vítor Correia nos papéis, respetivamente, dos heterónimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. E, claro, não poderia faltar Ofélia Queiroz, interpretada por Victória Guerra. O elenco inclui também nomes como Paulo Pires e António Durães.

«The Nothingness Club - Não Sou Nada» teve estreia no Festival de Cinema de Roterdão, no início deste ano, onde esteve em competição. Este Festival já havia dedicado uma retrospectiva ao realizador português, em 2019. A obra conta com produção de Rodrigo Areis, com a produtora Bando à Parte.



# JEANNE DU BARRY

## A FAVORITA DO REI

### HISTÓRIA

Filme inspirado na vida de Jeanne Bécu (Maïwenn), que nasceu como filha ilegítima de uma costureira pobre, mas conseguiu subir na escada social da corte francesa, tornando-se na última amante oficial de Luís XV (Johnny Depp).

### REALIZAÇÃO

MAÏWENN («Polissia», 2011; «Meu Rei», 2015; «ADN», 2020)

### ELENCO

MAÏWENN, JOHNNY DEPP, BENJAMIN LAVERNHE

### DATA DE ESTREIA

1 de novembro

O quinto filme de Maïwenn é baseado na história do livro “Madame Du Barry”, de Jeanine Huas, lançado em 2011. Luís XV é um dos mais conhecidos monarcas franceses, tendo governado até 1774, sendo, por isso, o último Rei antes da Revolução Francesa. Numa Versalhes conhecida pela exuberância e luxo, Luís XV tinha também muitas amantes e é sobre uma delas que procura dar destaque «Jeanne du Barry - A Favorita do Rei», rodado, justamente, em Versalhes.

Jeanne Bécu foi conseguindo ganhar mais estatuto na corte francesa e tornou-se na última amante oficial do Rei. A personagem é interpretada por Maïwenn, em apenas um dos vários trabalhos da cineasta no filme, já que também produz, realiza e co-assina o argumento, juntamente com Teddy Lussi-Modeste e Nicolas Livecchi. Maïwenn começou o seu percurso





no Cinema enquanto atriz ainda quando era criança. Arriscou-se, depois, na realização, e assinou a primeira longa-metragem «Pardonnez-moi», em 2006, que também protagonizou, mas viria a alcançar o reconhecimento internacional com «Polissia», que lhe rendeu o Prémio do Júri no Festival de Cinema de Cannes.

Este é um Festival especial para a cineasta - Emmanuelle Bercot venceu o Prémio de interpretação feminina por «Meu Rei» - e «Jeanne du Barry - A Favorita do Rei» foi o filme de abertura da 76.ª edição, sem escapar a grande polémica, sobretudo pelo facto de ser o regresso de Johnny Depp ao Cinema após o processo judicial do seu divórcio de Amber Heard.

É uma espécie de recomeço na carreira do ator, intérprete de vários personagens icónicos e que já

conta com nomeação a três Óscares de Melhor Ator Principal, por «Piratas das Caraíbas - A Maldição do Pérola Negra» (2003), «À Procura da Terra do Nunca» (2004) e «Sweeney Todd: O Terrível Barbeiro de Fleet Street» (2007). Apesar de ter um longo percurso cinematográfico, «Jeanne du Barry - A Favorita do Rei» marca uma estreia para o ator norte-americano: é o primeiro filme em que fala apenas em francês. Aliás, logo na primeira conversa com Maïwenn, a única língua falada entre ambos foi o francês.

A inspiração para o filme surgiu quando a cineasta viu «Marie Antoinette» (2006), de Sofia Coppola, tendo ficado fascinada por Jeanne Du Barry, interpretada, na obra, por Asia Argento. O elenco é também composto por nomes como Benjamin Lavernhe, Melvil Poupaud, Pierre Richard, Pascal Greggory e Marianne Basler.



## AS MARVELS

### HISTÓRIA

Carol Danvers (Brie Larson) descobre que tem os seus poderes ligados a Kamala Khan (Iman Vellani) e Monica Rambeau (Teyonah Parris). As três heroínas terão de trabalhar em conjunto para salvar o Universo.

### REALIZAÇÃO

NIA DACOSTA («Little Woods», 2018; «Candyman», 2021)

### ELENCO

BRIE LARSON, TEYONAH PARRIS, IMAN VELLANI, SAMUEL L. JACKSON

### DATA DE ESTREIA

9 de novembro

“Mais alto, mais longe, mais rápido”. Carol Danvers volta a voar bem alto, mas, desta vez, tem mais companhia. O Universo Cinematográfico Marvel (UCM) continua a crescer - embora, nos últimos tempos, de uma forma menos fulgurante - e chega a altura de mais um *crossover* na saga, cruzando personagens que já foram apresentadas anteriormente. Falamos de Monica Rambeau, que se estreou na série de grande sucesso «WandaVision»; Kamala Khan, que teve direito a série em nome próprio, em «Ms. Marvel»; e, claro, Danvers, a «Capitão Marvel» (2019), considerada a heroína mais poderosa do UCM e com presença também já noutros filmes da saga.

O final de «Ms. Marvel» deu o ponto de partida para





«As Marvels», mostrando que, de forma misteriosa, os poderes de Danvers e Khan estavam interligados. A premissa é agora aprofundada, juntando, pela primeira vez, três super-heroínas na mesma história, que, enquanto tentam resolver o mistério dos seus poderes, precisam de lidar com uma guerra interestelar entre duas raças alienígenas. As atrizes voltam para interpretar os seus papéis: Brie Larson, vencedora do Óscar de Melhor Atriz Principal por «Quarto» (2016); Teyonah Paris, também conhecida por «Se Esta Rua Falasse» (2018) e «They Cloned Tyrone» (2023); e Iman Vellani, que tem, com esta obra, a sua estreia cinematográfica.

Quem também está de volta é Samuel L. Jackson, no seu 15.º projeto do UCM, numa participação

que se segue à minissérie «Invasão Secreta», na qual Nick Fury teve grande destaque, tal como em «Capitão Marvel», de grande sucesso nas bilheteiras, arrecadando mais de mil milhões de dólares nas bilheteiras mundiais. Nia DaCosta estreia-se na realização de um filme Marvel, voltando a trabalhar com Teyonah Paris após «Candyman», o seu filme anterior. A cineasta assina também o argumento, juntamente com Megan McDonnell e Elissa Karasik. Ao contrário da época da estreia de Danvers no Cinema, o género de filmes de super-heróis começa a dar alguns sinais de desgaste, como demonstra a receção do filme «Homem-Formiga e a Vespa: Quantumania» (2023) e a série «Invasão Secreta», pelo que as expectativas para «As Marvels» estão ainda mais altas.



## O ASSASSINO

### HISTÓRIA

Um assassino (Michael Fassbender) tem de lidar com as consequências de um grave erro cometido por ele próprio durante um dos seus trabalhos.

### REALIZAÇÃO

DAVID FINCHER («Seven - 7 Pecados Mortais», 1995; «A Rede Social», 2010; «Em Parte Incerta», 2014)

### ELENCO

MICHAEL FASSBENDER, TILDA SWINTON, ARLISS HOWARD, CHARLES PARNELL

### DATA DE ESTREIA

10 de novembro

David Fincher começou a sua carreira na área da música, com a realização de videoclips e alguns de músicas bastante famosas, como “Bamboléo” (Gipsy Kings, 1989), “Vogue” (1990) ou “Freedom! ‘90” (George Michael, 1990) - um videoclip particularmente marcante, que não conta com a presença do cantor, mas com cinco top models que deixaram marca na Moda e, que, recentemente, voltaram a ser capa da revista Vogue. A estreia nas longas-metragens aconteceu com «Alien 3 - A Desforra» (1992) e dava-se início a uma auspiciosa carreira no Cinema, num percurso marcado especialmente por *thrillers* impactantes e que envolvem o espectador desde o início, como «Seven - 7 Pecados Mortais», «Zodiac» (2007) ou «Em Parte Incerta».





CR: NETFLIX ©2023

O seu próximo desafio é, claro está, mais uma história de mistério. Trata-se de uma adaptação de uma novela gráfica francesa, de Alexis “Matz” Nolent e Luc Jacamon, sobre um assassino que começa está à beira de um colapso nervoso. Em «O Assassino», Fincher reencontra-se com o argumentista Andrew Kevin Walker, com quem colaborou em «Seven - 7 Pecados Mortais», e o Diretor de Fotografia Erik Messerschmidt, que venceu o Óscar por «Mank» (2020), o filme anterior de Fincher.

Michael Fassbender interpreta o papel principal, dando vida a um assassino que sempre conseguiu manter uma postura metódica até que começa a desconfiar de todos, incluindo de quem o contrata.

No seu percurso, o ator já fez um pouco de tudo, deambulando por vários géneros, como «Fome» (2008), «X-Men: O Início» (2011) ou «Música a Música» (2017). Fassbender conta com duas nomeações aos Óscares, por «12 Anos Escravo» (2013) e «Steve Jobs» (2015). Participa também no filme a camaleónica Tilda Swinton, vencedora do Óscar de Melhor Atriz Secundária por «Michael Clayton» (2007).

«O Assassino» tem estreia na 80.<sup>a</sup> edição do Festival de Cinema de Veneza. O elenco inclui, ainda, nomes como Arliss Howard, Charles Parnell, Sala Baker, Kerry O'Malley e Sophie Charlotte. A música está a cargo de Trent Reznor e Atticus Ross.

A close-up photograph of Tom Blyth, looking slightly to the right. He is wearing a red jacket over a light blue collared shirt. A dark strap is visible across his chest. The background shows a blurred structure with diagonal lines, possibly a stadium or arena.

## THE HUNGER GAMES: A BALADA DOS PÁSSAROS E DAS SERPENTES

### HISTÓRIA

Antes de se tornar no temível Presidente de Panem, Coriolanus Snow (Tom Blyth) foi mentor de Lucy Gray (Rachel Zegler), uma jovem tributo do Distrito 12, na 10.ª edição dos Jogos da Fome.

### REALIZAÇÃO

FRANCIS LAWRENCE («The Hunger Games: Em Chamas», 2013; «A Agente Vermelha», 2018; «O Reino dos Sonhos», 2022)

### ELENCO

TOM BLYTH, RACHEL ZEGLER, VIOLA DAVIS, PETER DINKLAGE

### DATA DE ESTREIA

16 de novembro

O primeiro livro da saga “Os Jogos da Fome”, escrito por Suzanne Collins, foi publicado em 2008, seguindo-se mais duas obras. Na génese da ideia, está o momento em que a autora fazia zapping e cruzou-se com imagens da guerra no Iraque e de reality shows. A junção inusitada foi o mote para a criação do conceito da distópica Panem, em que, todos os anos, 12 Distritos têm de enviar dois adolescentes para serem tributos nos Jogos da Fome, em que apenas um poderá chegar ao fim com vida.

O sucesso literário saltou para o grande ecrã em «The Hunger Games - Os Jogos da Fome» (2012), assinado por Gary Ross, catapultando a fama de Jennifer Lawrence. A saga, composta por quatro filmes - o terceiro livro foi dividido em duas partes





na adaptação cinematográfica - revelou-se um grande sucesso nas bilheteiras, pelo que não foi uma surpresa quando foi revelado que a prequela, “A Balada dos Pássaros e das Serpentes”, lançado em 2020, seria adaptado ao Cinema.

Desta vez, o foco não é Katniss Everdeen, até porque a história passa-se décadas antes de a personagem existir. O Presidente Snow tem agora o palco, numa nova perspetiva do vilão da saga, agora enquanto mentor de uma jovem tributo do Distrito 12 - tal como Katniss. A personagem foi interpretada por Donald Sutherland e Tom Blyth (protagonista da série «Billy the Kid») assume, agora, a tarefa. Rachel Zegler dá vida à jovem Lucy Gray, depois de participar nos filmes «West Side Story» (2021) e

«Shazam! Fúria dos Deuses» (2023).

São ambos atores com carreiras relativamente curtas, contrapondo com atores mais experientes, como Peter Dinklage, Jason Schwartzman e Viola Davis, vencedora do Óscar de Melhor Atriz Secundária por «Vedações» (2016). A atriz norte-americana interpreta a principal antagonista, a pessoa que controla os Jogos. Destaque também para a participação de Hunter Schafer, estrela da série «Euphoria».

O elenco é inteiramente novo, mas está de regresso o realizador Francis Lawrence, que assinou todos os filmes da saga, à exceção do primeiro, num argumento de Michael Arndt e Michael Lesslie. Que os Jogos recomecem.



# NAPOLEÃO

## HISTÓRIA

As origens de Napoleão Bonaparte (Joaquin Phoenix), um dos maiores imperadores da História, em que se inclui o relacionamento volátil com Josephine (Vanessa Kirby).

## REALIZAÇÃO

RIDLEY SCOTT («Blade Runner - Perigo Iminente», 1982; «Gladiador», 2000; «Perdido em Marte», 2015)

## ELENCO

JOAQUIN PHOENIX, VANESSA KIRBY, TAHAR RAHIM

## DATA DE ESTREIA

23 de novembro

A História de França não se faz sem falar de Napoleão Bonaparte, cuja ambição levou-o a Imperador e a mudar a Europa. O estadista e líder militar francês foi fulcral na Revolução Francesa e o seu império contribuiu para a formação de países como a Alemanha, Itália e Grécia, seja pela unificação de territórios ou pelo surgimento de sentimentos nacionalistas. Em «Napoleão», ficamos a conhecer mais sobre a sua ascensão ao poder, mas também o homem além das conquistas militares, em que se inclui uma relação de amor - também ela, histórica - com Joséphine.

Para interpretar uma personagem tão desafiante





como a de Napoleão, foi escolhido Joaquin Phoenix, cuja carreira está já recheada de papéis intensos, como «Gladiator» (2000), «Walk the Line» (2005) ou «The Master - O Mentor» (2012). Todos estes se traduziram em nomeações para os Óscares, mas a estatueta dourada chegaria, na categoria de Melhor Ator Principal, por «Joker» (2019). Phoenix é também um dos produtores de «Napoleão». Já Joséphine é interpretada por Vanessa Kirby, uma atriz que tem tido um destaque crescente nos últimos anos, depois de ter participado na série «The Crown», na saga Missão Impossível e de ter sido nomeada para o Óscar de Melhor Atriz Principal pelo seu visceral desempenho em «Pieces of a Woman» (2020).

«Napoleão» tem argumento de David Scarpa e realização de Ridley Scott, dono de uma longa e versátil carreira em Hollywood, com obras de ficção científica, dramas ou terror. Os retratos históricos são também marca no seu percurso, como «Casa Gucci» (2021), o seu filme mais recente, mas também «Gladiator», vencedor de 5 Óscares, incluindo para Melhor Filme, além de mais sete indicações - incluindo na categoria de Melhor Ator Secundário, para, justamente, Joaquin Phoenix, que, curiosamente, também dava vida a um Imperador. O novo filme de Scott, que também produz, terá lançamento nas salas de cinema e depois chegará à plataforma de streaming Apple TV+.



## WISH: O PODER DOS DESEJOS

### HISTÓRIA

Asha (voz de Ariana DeBose) é uma jovem de 17 anos com uma grande preocupação pela sua comunidade. Num momento de desespero, faz um apelo às estrelas, que é respondido com uma pequena bola de energia ilimitada, a Estrela.

### REALIZAÇÃO

CHRIS BUCK («Tarzan», 1999; «Frozen: O Reino do Gelo», 2013) e FAWN VEERASUNTHORN

### ELENCO

ARIANA DEBOSE, CHRIS PINE, ALAN TUDYK

### DATA DE ESTREIA

23 de novembro

Acima do castelo, no logotipo que aparece antes dos filmes da Disney, há uma estrela que marca sempre presença. Há também uma música, “When You Wish Upon a Star”, que fez parte do filme «Pinóquio» (1940) e que teve direito a nova versão, interpretada por Cynthia Erivo, na mais recente adaptação da história, em 2022. Pois bem, agora, essa estrela é a protagonista do filme que integra as comemorações do 100.º aniversário da Disney.

Nas histórias Disney, foram muitas as personagens que pediram às estrelas que o seu desejo fosse concedido. Mas, afinal, como surgiu esta estrela dos desejos? A resposta à pergunta é





a gênese para «Wish: O Poder dos Desejos», o 62.º filme de animação da Disney. A história passa-se no reino mágico de Rosas, onde vive Asha, uma jovem idealista que, tal como tantas personagens do universo Disney, pede um desejo. Desta vez, o mesmo é atendido através de uma força cósmica, a Star, uma bola de energia muito poderosa. Juntas, irão enfrentar o Rei Magnífico, o governante de Rosas. Além de salvar a comunidade, a dupla procura provar que, quando um humano se junta à magia das estrelas, tudo pode acontecer.

«Wish: O Poder dos Desejos» é assinado por Fawn Veerasunthorn, que trabalhou no departamento de animação de «Zootrópolis» (2016) e «Raya e

o Último Dragão» (2021) e faz agora a estreia na realização, e Chris Buck, responsável por sucessos anteriores da Disney, como «Tarzan» e «Frozen: O Reino do Gelo». Buck também assina o argumento, em conjunto com Jennifer Lee e Allison Moore. As vozes estão a cargo de Ariana DeBose, vencedora do Óscar de Melhor Atriz Secundária por «West Side Story» (2021), Chris Pine e Alan Tudyk.

A longa-metragem é uma forma de celebrar a própria história da Disney, ao assinalar um dos elementos mais presentes nas suas narrativas: a capacidade de sonhar. A acompanhar o filme, será lançada também a curta-metragem «Once Upon A Studio», de Dan Abraham e Trent Correy.



## MAY DECEMBER

### HISTÓRIA

Vinte anos após um namoro mediático que chocou o país, um casal cede à pressão quando uma atriz de TV pretende investigar a história para adaptá-la ao cinema.

### REALIZAÇÃO

TODD HAYNES («Longe do Paraíso», 2002; «I'm Not There - Não Estou Aí», 2007; «Carol», 2015)

### ELENCO

NATALIE PORTMAN, JULIANNE MOORE, CHARLES MELTON

### DATA DE ESTREIA

30 de novembro

Natalie Portman começou a sua carreira ainda quando era muito nova e chamou logo a atenção com «Léon, o Profissional» (1994). Desde aí, tem cimentado uma carreira sólida, com vários papéis de relevo, conquistando o Óscar de Melhor Atriz Principal por «Cisne Negro» (2010). Mas nem só de representação se faz a carreira de Portman, que já se aventurou na realização e argumento - como é o caso da longa-metragem «Uma História de Amor e Trevas» (2015) -, mas também de produção e não apenas dos filmes em que participa enquanto atriz.

A história de «May December» começa exatamente por aí. Quando a produtora recebeu o argumento (assinado por Samy Burch), pensou apenas num





realizador para dirigir: Todd Haynes, nomeado para o Óscar de Melhor Argumento Original por «Longe do Paraíso», além de se ter destacado com obras como «I'm Not There - Não Estou Aí», a minissérie «Mildred Pierce» e, mais recentemente, «Carol», filme que também elevava o trabalho conjunto de duas atrizes de relevo, Cate Blanchett e Rooney Mara.

O cineasta aceitou o desafio de Portman para realizar «May December», que acompanha uma atriz de TV, a quem dá vida Natalie Portman, que visita uma pequena cidade com o objetivo de conhecer e estudar a mulher que vai interpretar num próximo filme e que esteve no centro de um escândalo. Essa mulher é interpretada por Julianne Moore, no seu

quinto trabalho com Haynes, numa colaboração particularmente marcante em «Longe do Paraíso», que rendeu a Moore uma das suas nomeações para Óscar. A estatueta dourada chegaria com «O Meu Nome é Alice» (2015).

«May December» teve a sua estreia no Festival de Cinema de Cannes, onde esteve em competição. Dias depois, os direitos de distribuição foram adquiridos pela Netflix. Segundo Haynes, a banda-sonora tem um papel especial na obra, reforçando as nuances da narrativa. A tarefa de dar corpo à música ficou a cargo do compositor brasileiro Marcelo Zarvos, que criou novas composições e adaptou outra banda-sonora, do filme «O Mensageiro» (1971).



# WONKA

## HISTÓRIA

Antes de criar a maior fábrica de chocolate do mundo, Willy Wonka (Timothée Chalamet) teve de enfrentar muitos obstáculos, sobretudo a falta de apoio do pai. No caminho para realizar o seu sonho, encontra uns assistentes muito especiais, os Oompa Loompas (Hugh Grant).

## REALIZAÇÃO

PAUL KING («Paddington», 2014; «Paddington 2», 2017)

## ELENCO

TIMOTHÉE CHALAMET, HUGH GRANT, OLIVIA COLMAN, SALLY HAWKINS

## DATA DE ESTREIA

14 de dezembro

O livro “Charlie e a Fábrica de Chocolate”, de Roald Dahl, lançado em 1964, é um clássico da literatura, num mundo mágico que conquistou gerações. A magia passou para o Cinema poucos anos depois, em «A Maravilhosa História de Charlie» (1971), de Mel Stuart. Passadas algumas décadas, chegou o momento para uma nova versão, em «Charlie e a Fábrica de Chocolate» (2005), numa obra assinada por Tim Burton. A história de Charlie, um rapaz pobre que ganha a oportunidade de conhecer a maior fábrica de chocolate do mundo, era o foco, mas, em ambos os filmes, Willy Wonka roubava a cena, não fosse ele o famoso chocolatier e o criativo criador da fábrica. Ora, a personagem volta, agora, ao Cinema, mas num





© 2023 WARNER BROS. ENT. ALL RIGHTS RESERVED.

filme em que tem total destaque, numa história focada em mostrar como tudo começou para o jovem Willy, antes de ele se tornar em Wonka. A comédia musical é realizada por Paul King, mais conhecido por ter assinado a comédia britânica «Paddington» e a sua sequência. O cineasta também assina o argumento de «Wonka», juntamente com Simon Farnaby, responsável pelo argumento de «Paddington 2».

No passado, Willy Wonka teve direito a duas interpretações icónicas, seja por Gene Wilder ou Johnny Depp, pelo que as expectativas são altas para o ator que dará vida à personagem. A escolha não foi deixada em mãos alheias e a tarefa é assumida por

Timothée Chalamet, um dos atores mais requisitados da sua geração. O ator norte-americano começou a carreira em 2008, com papéis de relevo em filmes como «Lady Bird» (2017), «Mulherzinhas» (2019) ou «Dune - Duna» (2021), além de ter sido indicado para o Óscar de Melhor Ator Principal por «Chama-me Pelo Teu Nome» (2017).

Chalamet está longe de ser o único ator de peso no elenco, que é composto por grandes estrelas britânicas, como Olivia Colman, Sally Hawkins, Rowan Atkinson ou Jim Carter. E, claro, o filme vai apresentar uma nova versão dos famosos Oompa Loompas, que terão interpretação do não menos célebre Hugh Grant.



# AQUAMAN AND THE LOST KINGDOM

## HISTÓRIA

Aquaman (Jason Momoa) tem de proteger Atlântida e o seu povo de uma potencial devastação após a libertação de um poder ancestral.x

## REALIZAÇÃO

JAMES WAN («Saw - Enigma Mortal», 2004; «Velocidade Furiosa 7», 2007; «Aquaman», 2018)

## ELENCO

JASON MOMOA, AMBER HEARD, WILLEM DAFOE,  
PATRICK WILSON

## DATA DE ESTREIA

21 de dezembro

Na banda-desenhada, a Marvel e a DC Comics competem há décadas e a disputa estendeu-se ao Cinema. Neste campo, a Marvel tem sido mais vencedora, pelo que, recentemente, a DC Studios resolveu mudar a estratégia, apostando numa linha cinematográfica, assinada pelos novos CEO, James Gunn e Peter Safran. Já está em preparação um novo filme do Super-Homem, mas, antes disso, ainda há alguns filmes por lançar, como «Aquaman and the Lost Kingdom», tirando partido de um herói que já deu provas de sucesso junto do público. O primeiro filme do super-herói, «Aquaman» (2018), foi um enorme sucesso nas bilheteiras, ultrapassando mais de mil milhões de dólares a nível mundial.

Após alguns adiamentos, é, finalmente, o momento





de conhecer a sequência, que voltará a ter como realizador James Wan, mais conhecido pelo seu percurso no cinema de terror, tendo realizado alguns filmes icónicos do género dos últimos anos, das sagas *Saw*, *Insidious* e *The Conjuring*. E, claro, regressa o ator que deu vida a Arthur Curry, Jason Momoa, que solidificou a sua fama com este papel após ter chamado a atenção na série «A Guerra dos Tronos».

Aquaman é um dos heróis mais antigos da DC, tendo a sua estreia na banda-desenhada em 1941. Já a versão interpretada por Momoa foi dada a conhecer em «Batman v Super-Homem: O Despertar da Justiça» (2016). Foi o próprio ator que sugeriu uma primeira abordagem para a história de «Aquaman and the Lost Kingdom» e partilha com a personagem o

amor pelo mar, já que é um fervoroso ativista contra as alterações climáticas.

Além de Momoa, estão também de regresso outros atores que marcaram presença no primeiro filme, como Patrick Wilson, Amber Heard, Yahya Abdul-Mateen II, Dolph Lundgren, Temuera Morrison e Nicole Kidman. Junta-se ao elenco a atriz portuguesa Jani Zhao, seguindo os passos de Daniela Melchior, que participou em «O Esquadrão Suicida». Destaque, ainda, para Ben Affleck, que terá a quinta e, presumivelmente, última interpretação de Batman, depois da estreia em «Batman v Super-Homem: O Despertar da Justiça». Affleck torna-se, assim, no ator com o maior número de participações cinematográficas como Bruce Wayne.



## NEXT GOAL WINS

### HISTÓRIA

O treinador neerlandês Thomas Rongen (Michael Fassbender) tem uma tarefa difícil em mãos: transformar a seleção de futebol da Samoa Americana - considerada uma das piores do mundo - numa equipa de elite.

### REALIZAÇÃO

TAIKA WAITITI («O Que Fazemos nas Sombras», 2014; «Thor: Ragnarok», 2017; «Jojo Rabbit», 2019)

### ELENCO

MICHAEL FASSBENDER, ELISABETH MOSS, OSCAR KIGHTLEY, RHYS DARBY

### DATA DE ESTREIA

27 de dezembro

11 jogadores de cada lado e uma bola pelo meio, com o objetivo de chegar à baliza e alcançar o desejado golo. O futebol é, na sua essência, um desporto com uma premissa simples, mas, como qualquer modalidade, pode encerrar muitas emoções e sonhos. E não será à toa que o futebol é considerado o “desporto-rei”. «Next Goal Wins» procura provar isso mesmo, através de uma história com base real.

Em 2001, a seleção nacional da Samoa Americana entrou na História do Futebol, mas não propriamente por bons motivos. Num jogo contra a Austrália, perdeu por 31-0, a pior derrota na história das seleções. Anos depois, o ânimo era outro e a equipa empenhou-se ao máximo para garantir a qualificação





para o Campeonato do Mundo de Futebol de 2014. Para tal, foi chamado o treinador neerlandês Thomas Rongen, interpretado por Michael Fassbender, nomeado para Óscar por «12 Anos Escravo» (2013) e «Steve Jobs» (2015), e que apresenta, habitualmente, papéis mais sérios.

Em «Next Goal Wins», espera-se um pouco de humor à mistura, não fosse este um filme de Taika Waititi. Nos últimos anos, o cineasta neozelandês tem-se firmado como um autor versátil e surpreendente. Deu um novo rumo a um dos heróis da Marvel, em «Thor: Ragnarok» (2017), e mostrou uma abordagem delicada mas acutilante da II Guerra Mundial, em «Jojo Rabbit», que lhe rendeu o Óscar de Melhor Argumento

Adaptado. No seu novo filme, Waititi também assina o argumento, juntamente com Iain Morris, além de dar o ar de sua graça na interpretação de uma personagem, como, aliás, também é habitual nos seus filmes.

A história da equipa da Samoa Americana já foi abordada anteriormente, mas em forma de documentário, em 2014, numa obra de Mike Brett e Steve Jamison. Além de Michael Fassbender no papel principal, participam também Will Arnett, Oscar Kightley, Rhys Darby e Elisabeth Moss, que parece também dar uma folga aos papéis de maior carga dramática - a atriz norte-americana é a protagonista da série «A História de Uma Serva», pela qual ganhou dois Emmy. Agora, resta rolar a bola.





# POBRES CRIATURAS

## HISTÓRIA

A jovem Bella Baxter (Emma Stone) regressa à vida por Godwin Baxter, (Willem Dafoe) um cientista brilhante e nada ortodoxo.

## REALIZAÇÃO

YORGOS LANTHIMOS («A Lagosta», 2015; «O Sacrifício de Um Cervo Sagrado», 2017; «A Favorita», 2018)

## ELENCO

EMMA STONE, WILLEM DAFOE, MARK RUFFALO

## DATA DE ESTREIA

sem data

Yorgos Lanthimos é um dos mais irreverentes cineastas da atualidade e as suas obras oferecem sempre algo de diferente e único. Foi nomeado para o Óscar de Melhor Argumento Original por «A Lagosta» (2015), mas o maior reconhecimento chegaria com «A Favorita» (2018), nomeado para 10 Óscares, sendo que conquistaria um, na categoria de Melhor Atriz Principal, para Olivia Colman. Emma Stone também foi nomeada, enquanto Atriz Secundária, e volta, agora, a colaborar com Lanthimos, mas, desta vez, no papel principal, após terem trabalhado também na curta-metragem «Vlihi» (2022).

Pela primeira vez, o cineasta opta por uma adaptação e não um argumento original. A história de «Pobres Criaturas» é, assim, baseada





no livro homónimo de Alasdair Gray, lançado em 1992. Emma Stone interpreta o papel de Bella Baxter, uma jovem que se afoga para fugir de um casamento com um homem abusivo. Graças ao seu pai cientista, o seu cérebro é substituído pelo do seu filho que não chegou a nascer. Desconcertante e invulgar, agora numa espécie de Frankenstein moderno e no feminino, «Pobres Criaturas» não destoa da galeria de histórias inusitadas de Lanthimos. O argumento é assinado por Alasdair Gray e Tony McNamara, nomeado para o Óscar de Melhor Argumento Original por «A Favorita». Para melhor perceber o tom pretendido, Lanthimos indicou a McNamara os seguintes filmes: «A Bela de Dia» (1967), «Frankenstein Júnior» (1974) e «O Navio» (1983).

Além de Stone, participam também, em «Pobres Criaturas», Jerrod Carmichael, Ramy Youssef, Margaret Qualley, bem como Mark Ruffalo e Willem Dafoe nos papéis principais, ambos estreantes numa obra de Lanthimos. Como curiosidade, os dois já fizeram parte de filmes de super-heróis - aliás, como Emma Stone -, mas têm um percurso mais vasto e versátil, contando com várias nomeações aos Óscares. Falando em Óscares, Stone levou mesmo a estatueta dourada para casa, na categoria de Melhor Atriz Principal, por «La La Land: Melodia de Amor» (2017), e volta, agora, a ter um papel desafiante, que poderá ser uma nova oportunidade para mostrar todo o seu potencial, que se desdobra entre o drama e a comédia.





# PRISCILLA

## HISTÓRIA

Quando a jovem Priscilla Beaulieu (Cailee Spaeny) conhece o já muito famoso Elvis Presley (Jacob Elordi), a sua vida muda por completo.

## REALIZAÇÃO

SOFIA COPPOLA («As Virgens Suicidas», 1999; «O Amor É um Lugar Estranho», 2003; «Marie Antoinette», 2006)

## ELENCO

CAILEE SPAENY, JACOB ELORDI

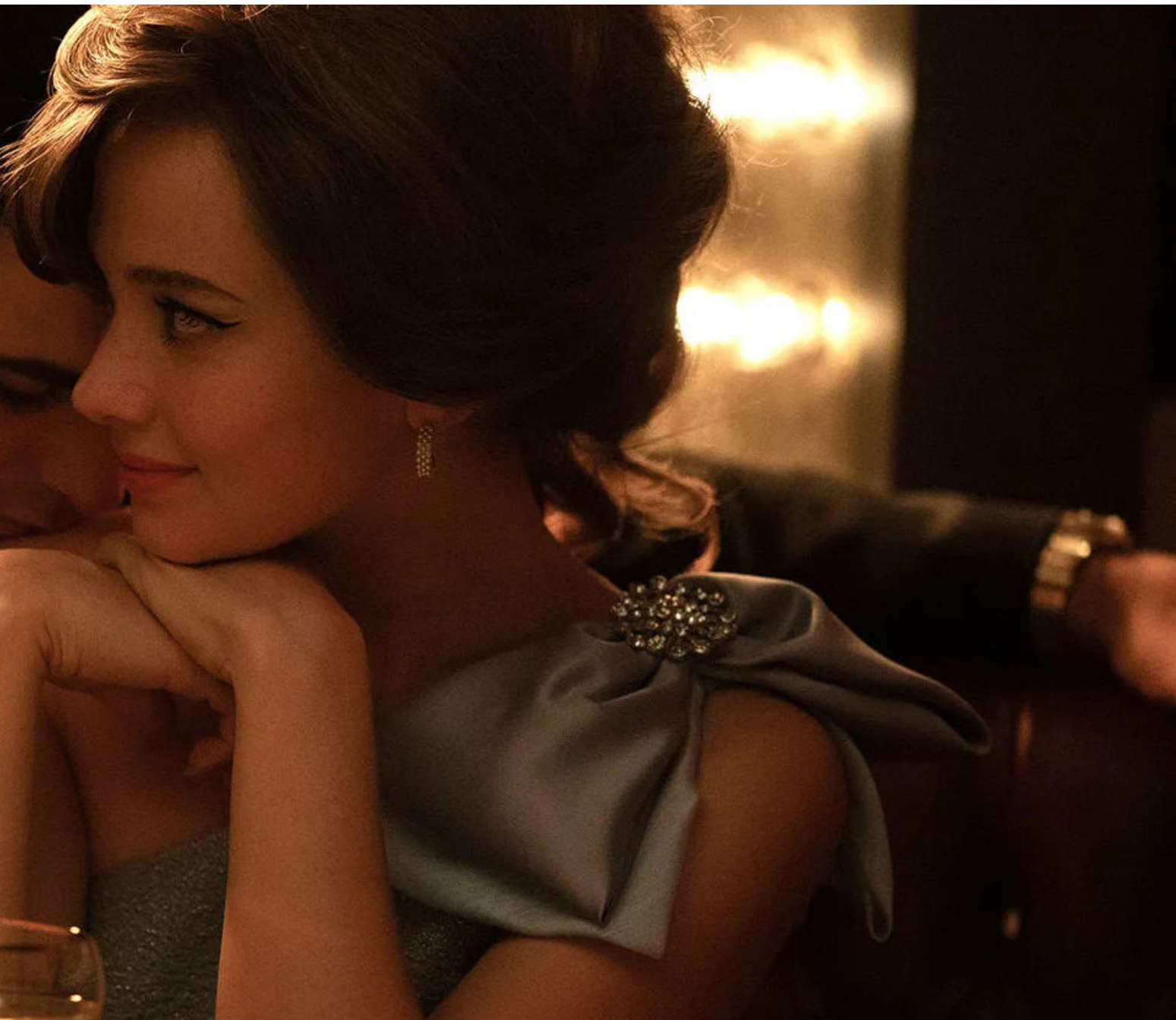
## DATA DE ESTREIA

sem data

Elvis Presley é uma das figuras incontornáveis do século XX, conquistando fãs até hoje. Em 2022, o biopic «Elvis», de Baz Luhrmann, reavivou a popularidade do ícone, impulsionada pela interpretação de Austin Butler. Olivia DeJonge deu vida a Priscilla Presley, mas a personagem teve contornos secundários. Em «Priscilla», o cenário é bem diferente, dando todo o palco à retratada enquanto mulher e não apenas como esposa do artista.

Sofia Coppola assina argumento e realização da obra e já deu provas, ao longo do seu percurso, de que sabe como abordar histórias e personagens femininas,





como é o caso de «Marie Antoinette». A sua cinematografia é marcada por obras de profundidade narrativa, tal como «O Amor É um Lugar Estranho», que lhe rendeu o Óscar de Melhor Argumento Original. Aliás, com este filme, Coppola tornou-se na primeira mulher a ser indicada, no mesmo ano, para Óscares nas categorias de produção, realização e escrita de argumento. No caso do novo filme, a cineasta adapta a biografia de Priscilla Presley, lançada em 1985, intitulada “Elvis and Me”, que já foi adaptada para telefilme homónimo, lançado em 1988 e com Susan Walters e Dale Midkiff nos papéis principais. No novo filme, a personagem principal é interpretada por Cailee Spaeny, que participou em

filmes como «Sete Estranhos no El Royale» (2018) e nas séries «Mare of Easttown» e «The First Lady». O Elvis de serviço é Jacob Elordi, estrela da série «Euphoria».

A história vai focar-se no romance entre a estrela de rock e Priscilla, que conheceu quando ela tinha apenas 14 anos. A tensão dramática da relação e os seus altos e baixos são a base da obra. A banda francesa indie pop Phoenix assina a banda-sonora e a Direção de Fotografia está a cargo de Philippe Le Sourd, que colaborou com Coppola em «O Estranho Que Nós Amamos» (2017) e «On the Rocks» (2020). Priscilla Presley é também produtora-executiva do filme.





## MAESTRO

### HISTÓRIA

A história de Leonard Bernstein (Bradley Cooper) e Felicia Montealegre (Carey Mulligan), desde o momento em que se conhecem, em 1946.

### REALIZAÇÃO

BRADLEY COOPER («Assim Nasce Uma Estrela», 2018)

### ELENCO

BRADLEY COOPER, CAREY MULLIGAN, SARAH SILVERMAN

### DATA DE ESTREIA

sem data

Leonard Bernstein foi um dos principais compositores do século XX, tendo sido o primeiro norte-americano a ser reconhecido como um talento da música clássica, ultrapassando a barreira da Europa, tradicionalmente mais habituada aos grandes compositores da música erudita. Bernstein era filho de judeus ucranianos que imigraram para os EUA no início do século passado e conquistou, ao longo da carreira, sete Emmy, dois Tony e 16 Grammy. Ocupou o cargo de principal maestro da Orquestra Filarmónica de Nova Iorque e assinou as músicas de musicais famosos da Broadway, como West Side Story ou Peter Pan.

Contudo, «Maestro» não fala apenas das conquistas





FOTO: © JASON MCDONALD/NETFLIX

artísticas do Bernstein, mas também da sua história de amor com a ativista e atriz Felicia Montealegre, interpretada por Carey Mulligan, nomeada ao Óscar de Melhor Atriz Principal por «Uma Outra Educação» (2009) e «Uma Miúda com Potencial» (2020), já com provas dadas no retrato de papéis fortes, como promete ser mais este.

Bradley Cooper dá vida a Bernstein, além de realizar e co-assinar o argumento, juntamente com Josh Singer. É a segunda aventura de Cooper na realização, depois de uma primeira obra muito bem-sucedida, com «Assim Nasce Uma Estrela» (2018), nomeado para oito Óscares, incluindo na categoria de Melhor Filme. Cooper começou a sua carreira na

representação, numa carreira versátil, em que se destacam filmes como «A Ressaca» (2009), «Guia para um Final Feliz» (2012) e «Sniper Americano» (2014).

O cineasta norte-americano contou com o apoio da família de Bernstein para o *biopic*, que terá a sua estreia no Festival de Cinema de Veneza e, depois, chegará à Netflix. Cooper é também produtor e a obra conta com outros nomes de peso na produção, como Martin Scorsese e Steven Spielberg, que até estiveram na calha, numa fase inicial, para realizar a obra. Além de Bradley Cooper e Carey Mulligan, participam também, em «Maestro», Sarah Silverman, Matt Bomer e Maya Hawke.





A SIBILA

O que esperar de uma *rentrée* portuguesa após um verão onde os equívocos com a comédia foram a tônica? Talvez esquecer isso e pensar numa outra via: a da comédia com reflexão social. A cortesia chega em já em Setembro onde Telmo Churro tem para estrear «Índia», exercício do humor que fala de gerações e de uma Lisboa turisficada. Tem o talentoso Pedro Inês como protagonista e fez um curioso circuito em alguns festivais internacionais. Mas também

António Ferreira, cineasta de «Esquece tudo o que te Disse» tem uma comédia a pensar em adultos: «A Bela América», crónica romântica sobre o peso de ser celebridade e uma ideia de classes sociais numa Coimbra de desníveis. Tem São José Correia e um ator com carisma chamado Estevão Antunes. Era bom que fosse...bom.

Talvez ainda sem espaço nas salas mas com presença confirmada no MOTELx está «A Semente

do Mal», incursão declarada de Gabriel Abrantes no cinema de terror ou a sua estreia a solo nas longas depois do sucesso além portas de «Diamantino», feito a meias com Daniel Schmidt. Consta que tem uma Anabela Moreira em grande e sequências de horror nunca dantes vistas no cinema nacional. Só é de estranhar que tenha optado por fazer a sua estreia mundial em Portugal...

«A Sibila» é outra das apostas





nacionais no regresso às salas após banhos. Outra primeira obra do vimaranense Eduardo Brito, autor de um conjunto de curtas bastante singulares. Esta adaptação à obra de Agustina Bessa Luís foi uma encomenda das celebrações do seu centenário e segue um certo classicismo à Manoel de Oliveira, mas ver para crer...

Por fim, a rentrée, ainda em outubro torna-se punk. Punk à maneira de Edgar Pêra que

reinterpreta Pessoa e os seus heterónimos em «Não sou Nada-The Nothingness Club», motim no “escritório” do nosso grande poeta. Não é dos grandes Pêra mas tem atores em estado de graça como Victoria Guerra, Albano Jerónimo, Miguel Nunes e Miguel Borges. Será ainda a rentrée em que a Academia deve escolher «Mal Viver», de Canijo, para representar Portugal nos Óscares – depois do Urso em Berlim faz sentido. Todo o sentido...



LESSONS IN CHEMISTRY

É verdade que a explosão do *streaming* mudou o paradigma televisivo: deixámos de ter períodos longos de pausa (os ditos hiatos) e a *rentrée* perdeu parte da sua magia – isto porque as principais estreias deixaram de estar, necessariamente, coladas aos últimos três meses do ano. No entanto, setembro continuou a ser um mês especial para os canais do cabo e ainda lança o mote final para as últimas grandes estreias do ano corrente.

No entanto, e em linha com o que escrevemos na Cinédoque da M97, a greve dos argumentistas (Writers Guild of America), à

qual se juntou o SAG-AFTRA (Screen Actors Guild – American Federation of Television and Radio Artists), tem colocado uma aura de incerteza em torno do lançamento ou continuação de projetos. Embora o impacto não seja totalmente perceptível do lado do espectador, a verdade é que não demorará a sentir-se no público.

No que diz respeito às séries, a greve já afetou a produção das novas temporadas de «Abbott Elementary», «Stranger Things», «The Handmaid's Tale», «The Last of Us» e «Andor», entre outras. Sem argumentos prontos, ou por solidariedade, alguns dos sucessos

recentes do *streaming* (e não só) vão demorar a regressar; e noutros casos podem até não voltar a ver a luz do dia.

Apesar da incerteza, e sem certezas do que nos espera nos próximos meses – e sobretudo em 2024 – a Metropolis selecionou 10 séries novas, com estreia prevista ainda para 2023. Fique a saber quais as apostas que não vai querer perder!

«Gen V» da Amazon Prime Video (29/09): Derivada de «The Boys». A série aborda a primeira geração de super-heróis a saber que seus superpoderes são do Composto V;





«The Fall of the House of Usher» da Netflix (12/10), uma série de terror contemporânea baseada em múltiplas obras de Edgar Allan Poe;

«Lessons in Chemistry» da Apple TV+ (13/10) [foto], no início dos anos 60, o sonho de Elizabeth Zott (Brie Larson) na Química é suspenso quando ela fica grávida, sozinha e é despedida do seu laboratório;

«All the Light We Cannot See» da Netflix (02/11), Marie-Laure, uma adolescente francesa cega, e Werner, um soldado alemão, cruzam-se na França ocupada, enquanto tentam sobreviver à

devastação da Segunda Guerra Mundial;

«Echo» da Disney+ (29/11), Maya Lopez deve enfrentar o seu passado, reconectar-se com as suas raízes e abraçar o significado de família e comunidade se quiser seguir em frente;

«Fellow Travelers» da Showtime, acompanha a vida e o romance volátil de dois homens diferentes, através de guerras, protestos e pragas, superando vários obstáculos pelo caminho;

«Star Wars: Skeleton Crew» da Disney+, acompanha um grupo de

crianças na casa dos 10 anos, que se perde no universo Star Wars;

«Dune: The Sisterhood» da HBO Max, série ambientada no universo «Dune», e centrada na vida das Bene Gesserit;

«Orphan Black: Echoes», *spin-off* da série «Orphan Black», então protagonizada por Tatiana Maslany. Explora a manipulação científica da existência humana;

«Frasier», ele está numa cidade diferente, tem novos desafios a enfrentar, novos relacionamentos a estabelecer e um ou dois sonhos antigos para finalmente realizar.



# FESTIVAL DE CINEMA DE LOCARNO

**Locarno não é igual ao passado: expandiu-se, cresceu, soltou amarras da invenção e da ousadia.**

**RODRIGO FONSECA**

No ranking geopolítico da Suíça, a região é a sétima maior cidade da pátria considerada um paraíso fiscal e um templo de precisão matemática, com 19.27 km<sup>2</sup> de território e cerca de 16 mil habitantes, que falam majoritariamente a língua italiana, embora aprendam Francês e Alemão na escola. Milão é a cidade fronteiriça, abrindo-lhe as portas do mundo a partir dos serviços do aeroporto de Malpensa. Desde 1946, aquela região - que tem a sensação térmica de até 37 graus à sombra, no verão - passou a sediar um

dos maiores festivais de cinema de todo o planisfério cinéfilo, ao lado de Cannes, Veneza, Berlim, Toronto, San Sebastián e Roterdão. Na sua competição oficial, conhecida por agraciar os vencedores com o Leopardo de Ouro (o felino em questão é o símbolo daquela região), gigantes como Pedro Costa, Glauber Rocha, Claire Denis, Jim Jarmusch e Hong Sangsoo foram laureados, sendo que o troféu, este ano, ficou com o Irão, ao ser confiado a uma longa-metragem que desafia interdições morais e legais da pátria de Abbas





Kiarostami: «Critical Zone» («Mantagheye Bohrani») [foto], frenética longa-metragem de Ali Ahmadzadeh. O seu protagonista: um traficante de drogas de bom coração.

Um filme com esse teor, que mais parece um *thriller* de suspense, jamais teria espaço numa vitrine sintonizada com a sofisticação se não fosse o trabalho do crítico Giona A. Nazzaro, que ocupa a direção artística do evento desde 2021.

“O papel que Locarno tenta

preservar hoje é o de mostrar que qualquer filme pode ser relevante desde que

se proponha a ser Cinema, ou seja, ser mais do que uma narrativa de relato de histórias, fluindo com o desejo de ter uma identidade”, diz Nazzaro.

Conhecido pelas suas pesquisas sobre as narrativas de Hong Kong, ele vem abrindo brechas

*qualquer  
filme pode ser  
relevante desde  
que se proponha a  
ser Cinema*

cada vez maiores para filmes de género na sua programação, que realizou de 2 a 12 de agosto

a edição número 76. Essa versão 7.6 da maratona audiovisual helvética apostou em vozes autorais consagradas nas telas, além de

mostrar novos passos de estrelas de peso, como Isabelle Adjani e Cate Blanchett. Para abrir as atividades deste ano, no dia 2, Giona A. Nazzaro promoveu uma sessão em homenagem ao ator



DO NOT EXPECT TOO MUCH FROM THE END OF THE WORLD

inglês de origem paquistanesa Riz Ahmed (nomeado ao Oscar por «O Som do Metal»), com o filme «Dammi». A aclamada diretora brasileira Helena Ignez, também atriz, esteve lá para a retrospectiva dois filmes de culto de seu companheiro de vida e de criação, Rogério Sganzerla (1946-2004), de quem Nazzaro é fã declarado. De Sganzerla, foram exibidos «Documentário» (1966) e «Abismu» (1977).

Transgressor nas telas e fora delas, tanto por assumir um vendedor de drogas como um herói humanista quanto pelo seu modelo de filmagem avesso a autorizações e burocracias, «Critical Zone», originalmente

«Mantagheye Bohrani», é a crônica do dia a dia de um país cerceado nas mais variadas operações de sociabilidade. A natureza do filme ganhador do Leopardo dourado de 2023 obrigou o seu realizador a rodar a trama em sigilo, nas ruas de Teerão. Essa atitude (e a natureza do enredo) pode valer ao cineasta uma condenação legal, fora o facto das autoridades iranianas rejeitaram qualquer reconhecimento à produção. Mas essa é uma realidade comum a muitos diretores daquela pátria, como o artesão autoral Jafar Panahi («O Balão Branco»), que já ficou em prisão domiciliar mais de uma vez devido à sua liberdade de expressão. Ahmadzadeh

corre perigo. O governo iraniano chegou a exigir que ele retirasse a longa de concurso. Mas a vitória em Locarno garante posteridade a seu nome e a seu trabalho.

“Esse filme é um grito de rebeldia de uma hora e meia”, disse o ator e cantor Lambert Wilson, o presidente do júri de Locarno.

Encarado como um exercício de liberdade criativa plena, «Do Not Expect Too Much From The End Of The World» («Nu Aștepta Prea Mult De La Sfârșitul Lumii») confirmou a potência do romeno Radu Jude ao arrebatou o prémio especial do júri. A sua atriz, Ilinca Manolache, tem um



desempenho em estado de graça. Ganhador do Urso de Ouro de 2021 com «Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental», ele volta às longas com um estudo sobre a degradação das relações laborais, centrado no empenho de uma produtora (Ilinca, brilhante) em filmar pessoas que sofreram acidentes de trabalho.

História de amor ambientada numa Ucrânia longe das bombas e tiros da Rússia, «Stepne» deu à sua realizadora, Maryna Vroda, o Leopardo de Melhor Direção de Locarno, por uma narrativa cheia de alusões à dramaturgia de Tchekov. É uma trama sobre o regresso de um homem a uma zona rural onde ele refaz os laços com seu irmão e busca se reconectar com a mulher que mais amou.

Entre os achados de Locarno, merece relevo «Topakk» («Triggered»), de Richard V. Simes, das Filipinas. Trata-se de um deslumbre de ação com ecos dos filmes da Hong Kong dos anos 1990 misturados a elementos de «John Wick». Simes é mestre em sequências de perseguição mirabolantes e oferece ao público um estudo sobre um herói fraturado. O seu protagonista, o sargento Miguel Vergara, é um ex-militar atormentado pela morte de todo o seu esquadrão numa guerrilha. Ao se tornar segurança, ele vai enfrentar um grupo de traficantes e uma horda de policiais corruptos.

Ainda falando da competição oficial, outra joia foi «Lousy Carter», de Bob Byington, dos

EUA. É uma aula de argumento com marcas do humor judaico, apoiado no carisma do ator David Krumholtz (de «Oppenheimer») como um Woody Allen mais indolente. O seu personagem é um animador que ganha à vida como professor de Literatura, com foco no romance «O Grande Gatsby», de F. Scott Fitzgerald, até que uma série de afetos à sua volta entram em implosão. Isso acontece na altura em que ele recebe um diagnóstico de doença terminal. Apesar do que o enredo sugere, é uma comédia, das mais hilariantes. Krumholtz é um colosso em cena.

Com uma seleção deste calibre esperamos que o director artístico do festival Giona A. Nazzaro se mantenha nos trilhos.



LOUSY CARTER



## O PORTEIRO PAULO FONTENELLE

**A esperança brasileira tem nome: Waldisney. Personagem consagrado em fenômeno teatral vai às telas, no filme 'O Porteiro', candidato a fenômeno de bilheteria na América do Sul**

**RODRIGO FONSECA**

Depois da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência, encerrando um ciclo conservador de quatro anos de amargura, o Brasil vive tempos esperançosos na sua economia e corteja novas dramaturgias, de inclusão e integração, elegendo como primeiro herói dessa nova fase um migrante nordestino que atravessa o seu país com dificuldade para se estabelecer como profissional no Rio de Janeiro. Esse ser em diáspora é

Waldisney, personagem central do filme «O Porteiro», que estreou nas telas da sua pátria no dia 31 de agosto com a promessa de se tornar o maior fenômeno popular do cinema brasileiro neste 2023 de baixas receitas para os filmes das suas cinco regiões. O seu guião vem de um fenômeno teatral homónimo, que começou bem pequeno, na sala de espetáculos Sesc Tijuca, em 2017, e ao longo dos últimos seis anos contabilizou cem mil pagantes.





Essa cifra, para as artes cênicas, é um *blockbuster*. Alexandre Lino é o seu protagonista. A direção é de Paulo Fontenelle, que dirigiu o *thriller* sombrio «O Intruso» e rodou documentários como «Evandro Teixeira – Instantâneos da Realidade», sobre um mítico fotógrafo, também do Nordeste.

“A história que contei de Evandro, lá atrás, é de migração, da mesma forma como a narrativa que construí inspirada em

fotos dele no documentário «Sobreviventes – Os Filhos da Guerra de Canudos» opera num ponto comum que é a relevância da oralidade. Waldisney conta a sua vida no filme”, diz Fontenelle. “Como sou montador também, já dirijo tendo um entendimento do que mais preciso para contar bem, com refinamento, uma trama dessas”.

No filme, como na peça, Waldisney é o responsável pela

agitada portaria de um prédio onde inquilinas nervosas e inquilinos neuróticos desafiam as condições normais de temperatura e pressão da paz “condomínial”. Há uma vizinha que lida com cães irritados. Moradoras idosas que adoram brownies de Cannabis. Temos um casal que tem um fetiche por maus cheiros e o prédio todo escuta as suas relações sexuais. E depois, o local é alvo de um trio de assaltantes, um



policia temível (encarnado pelo intérprete do rufião Paulinho Gogó, o ator Maurício Manfrini), que passa a suspeitar do mais devotado funcionário do prédio. Ao longo da longa-metragem, o polícia tenta arrancar verdades de Waldisney, mas só tira dele boas histórias.

“Invisíveis são as pessoas, são suas histórias”, diz Alexandre Lino. “Aprendi isso colhendo histórias de porteiros de todo o Brasil que me confiaram o direito de contar os seus relatos de vida numa história sobre

pertencimento. O que eu tento desde a peça é celebrar as vidas de pessoas que nunca foram celebridades”.

Egresso da cidade de Gravatá, no agreste pernambucano, e radicado no Rio há três décadas, Lino, hoje com 49 anos, é bacharel em Cinema pela faculdade Unesa e finaliza Mestrado em Artes Cênicas pela UniRio em 2024. Iniciou sua carreira profissional, nos anos 2000, no Teatro Glória, sob a gestão de Antônio Abujamra, na Resistência Cia de Teatro, fazendo o premiado

espetáculo “Patativa do Assaré”. Desde então, esteve no elenco de cerca de 20 peças, sete longas e 15 curtas, além de ter brilhado em várias participações na televisão. Em 2019, no auge do governo Bolsonaro, ele desafiou a mordada sobre a indústria cultural ao encenar “O Substituto”, texto com o qual desafiava o fascismo, numa cómica discussão sobre o papel da Educação como aríete político de mudanças.

“Quando fiz ‘O Porteiro’ no palco, o riso aconteceu, numa gargalhada da plateia que brotou





já na primeira apresentação do espetáculo. O público me abraçou com seu sorriso”, conta Lino.

O seu desempenho no grande ecrã é radiante. Quem vê a sua hilariante composição em cena no monólogo sobre a vida de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro, volta para pedir bis. Feito o Coelho Ricochete dos desenhos animados do estúdio Hanna-Barbera, o ator salta de um lado para o outro do Teatro Imperator, desafiando as leis da gravidade, levando cafezinho e água para o público enquanto

desfia o rosário de esquisitices do dia a dia de trabalho de Waldisney. Esse mesmo desvario podem fazer dele o maior campeão de bilheteria brasileiro de 2023 no grande ecrã.

Em 2024, a sua agenda de trabalhos já está movimentada. Ele será visto na série «Cafeína Café», como Carlitos e vai dirigir o documentário «Banabuiú: Grande Sertão Teatro». Promete ainda um novo espetáculo. Se tudo der certo, fará isso tudo com um super êxito comercial cinematográfico no curriculum,

que já vislumbra uma parte dois. “Já fui empregado do McDonalds quando cheguei ao Rio, sem um tostão. Tenho a vivência do dia a dia do trabalho com o público, atendendo demandas. Quando resolvi falar dos porteiros, impus uma regra: sempre que fizer a peça e aparecer um deles no teatro, querendo ver o nosso espetáculo, o ingresso dele é de graça”, diz Lino. “Fizemos o filme num momento em que o Brasil estava muito dividido. Agora que as pessoas estão voltando a acreditar numa saída, esse filme é um convite a uma nova união”.

# SÉRIES

"De «Ahsoka» a «One Piece», há novos universos para descobrir, ou redescobrir, no streaming. Do drama à comédia, passando pelo documentário, são várias as séries para maratona. Fique a conhecer algumas das estreias mais recentes, nas escolhas METROPOLIS deste mês.

SARA QUELHAS







## ONE PIECE

**A Netflix estreou «One Piece», uma série baseada no sucesso do anime com o mesmo nome.**

**SARA QUELHAS**

Do *manga* ao *anime*, «One Piece» chega à Netflix numa série em imagem real. A história de Monkey D. Luffy (agora interpretado por Iñaki Godoy) deu os primeiros passos no final dos anos 90 e, chegados a 2023, «One Piece» mantém-se no ar com mais de mil episódios distribuídos por 20 temporadas e continua a ser publicada, totalizando mais de 100 volumes. Como tal, e atendendo ao sucesso mundial, a primeira pergunta que se levanta relativamente à aposta do streaming é: porque não?

Com uma audiência bem estabe-

lecida e provavelmente alguns curiosos que não têm coragem de começar uma série com centenas de episódios, «One Piece» tenta atrair todas as atenções, sem depender demasiado do que já existe. A ação flui mais rapidamente, os acontecimentos precipitam-se e há uma maior espontaneidade e até resolução do que nas obras anteriores. Embora seja uma adaptação, a verdade é que funciona de forma diferente e, anunciando logo ao que vem no episódio piloto, facilmente vai ajudar o público a perceber se é uma viagem a fazer ou evitar.





## OS PIRATAS ESTÃO À SOLTA! NETFLIX

Monkey D. Luffy tem uma missão e nada o vai afastar do seu êxito: encontrar o tesouro “One Piece” e tornar-se o Rei dos Piratas. Mas, para chegar a esse objetivo, precisa de uma tripulação! Algo aparentemente difícil, já que tem um total de... zero amigos. No entanto, as suas boas ações vão atraindo apoios inesperados e, assim, mudam a sua sorte e tornam um sonho inicialmente absurdo cada vez mais possível.

Entre as principais personagens encontramos Koby (Morgan Da-

vies), Nami (Emily Rudd), Roronoa Zoro (Mackenyu), Helmeppo (Helmeppo), Usopp (Jacob Romero) e Buggy (Jeff Ward), entre outros.

O jeito cómico das personagens, nomeadamente do protagonista, é uma das imagens de marca da narrativa, que vai cativando até os mais cétricos. Certamente não convencerá todos os fãs deste universo, mas a verdade é que isso nunca acontece independente da história – como esquecer a divisão entre os fãs da série e dos livros de «A Guerra dos Tronos»?

Os efeitos visuais cumprem, enquanto as cenas de ação são genericamente bem conseguidas. Além disso, o caos próprio dos intervenientes torna a generalidade dos conflitos bastante engraçados. Uma série que se vê com relativa facilidade, sendo divertida, leve e descomprometida com as expectativas que tem sobre si. Há mudanças em relação à história original, há coisas que acontecem muito mais depressa e a identidade, apesar das influências, procura ser tão distinta quanto possível.



## SHELTER

**O Amazon Prime Video estreou recentemente a série «Shelter», baseada na obra de mistério de Harlan Coben, publicada em 2011.**

**SARA QUELHAS**

As séries de mistério, nomeadamente focadas em protagonistas jovens, têm sido uma das apostas recorrentes no *streaming*. A fórmula, não sendo complexa, consegue apresentar resultados (por vezes muito rápidos), criando um clima de curiosidade e tensão na audiência, que procura desfazer, progressivamente, o nó dado pela ação. Além disso, se – tal como acontece com «Shelter» – a história já tiver funcionado na literatura, há uma maior segurança no êxito da narrativa e, também, na sua lógica. Afinal, não há nada pior do que chegar ao final de uma série e não

ficar convencido/a com o desenlace.

Para o sucesso de uma série muito contribui um bom episódio piloto – ainda que este tenha um peso mais significativo em séries em “testes” –, sendo que, em «Shelter», o espectador recebe um importante manancial de informação, terminando em suspenso, numa ação que tem a intenção clara de motivar a curiosidade da audiência. A narrativa cresce tanto – e para tantos lados – que, a certa altura, é difícil para o público antecipar para onde vai ser transportado.





## NÃO HÁ REFÚGIO PARA O SOFRIMENTO AMAZON PRIME VIDEO

O que, como bem sabemos, pode ser o segredo para o sucesso... ou o fracasso.

Vamos à história. Mickey Bolitar (Jaden Michael) prepara-se para uma nova vida com os pais, Brad (Kristoffer Polaha) e Kitty (Narci Regina), mas o sonho americano começa da pior maneira. O pai morre à sua frente e a mãe fica bastante fragilizada no hospital, pelo que Mickey vai morar com a tia, Shira Bolitar (Constance Zimmer). Com o futuro no basquetebol em risco, e os problemas típicos de um adolescente da TV

numa nova escola, Mickey vai estabelecendo conflitos com colegas, com uma figura misteriosa do seu bairro e até com a autoridade.

A história tem como elemento muito importante a “Bat Lady”, interpretada por Tovah Feldshuh, a mãe de Rebecca em «Crazy Ex-Girlfriend». Numa casa sombria, que tem uma ligação ao passado de, pelo menos, Brad e Shira, a mulher idosa serve para aterrorizar os mais novos, mas o seu discurso, tenebroso, também influencia as expectativas de quem assiste. Será que Brad está mesmo vivo, como

ela garante a Mickey? E, se sim, de que “forma”? Estamos perante uma trama sobrenatural ou um mistério bem humano?

Apesar do clima obscuro, a narrativa encontra alguma leveza em Arthur (Adrian Greensmith), um nerd desajeitado, e Emma (Abby Corrigan); embora no caso desta última exista uma storyline densa e pesada em paralelo. Também algumas situações pontuais do ambiente escolar se tornam cómicas, a espaços, com Mickey a ficar dividido entre o drama da vida de estudante e de tudo o que está a acontecer à sua volta. Será o grupo capaz de resolver um desaparecimento que aconteceu décadas antes?

Os diálogos contribuem para um ritmo mais acelerado, enquanto o universo visual e narrativo atribui uma maior profundidade (e carga) à cidade, aparentemente inofensiva, onde Mickey agora se move. Há igualmente um simbolismo significativo, nomeadamente ao nível do racismo e da rejeição social do que desconhece ou traz desconforto. «Shelter» estabelece-se, assim, em várias camadas, procurando dar resposta ao que cada uma delas exige das personagens. Do simples ao complexo, a série torna-se densa e, como tal, o maior desafio será dar o tal “nó” à ação que apresenta... e convencer a audiência.



## BUPKIS

**Há um antes e um depois para Pete Davidson, na bolha mediática, depois das suas relações amorosas com Ariana Grande, Kim Kardashian e Kate Beckinsale. «Bupkis», disponível na SkyShowtime Portugal, é uma comédia muito pessoal e em nome próprio.**

**SARA QUELHAS**

«Bupkis» é uma série desconfortável para Pete Davidson, que transporta essa sensação também para o seu público. Logo no início, o ator tem um conjunto de situações muito embaraçosas, pautando o tom da comédia e do que podemos esperar na sua relação “fora da norma” com a mãe (Edie Falco), o avô (Joe Pesci, de regresso quatro anos depois de «O Irlandês» (2019)) e Roy (Brad Garrett).

Além do humor despreocupa-

do e “ofensivo”, as histórias desenvolvidas por Pete Davidson e companhia são interessantes e, dessa forma, criam um balanço interessante entre alguns temas mais pesados e a leveza que a narrativa quer também incutir. A efemeridade das pessoas de que gostamos, os vícios, a perseguição virtual e mediática, e as ideias preconcebidas da sociedade estão em destaque, sem discursos extensos ou storylines profundas, mas com uma abordagem inteligente.





## O RETRATO DE PETE DAVIDSON, PELO PRÓPRIO SKYSHOWTIME

É evidente que há um subnível, uma colagem à imagem de Pete Davidson e até, em momentos, uma certa exorcização dos seus fantasmas públicos, ainda que sem descartar um humor e um discurso pouco “corretos” ou previsíveis. Um estilo muito próprio que, mais uma vez, estabelece o ator como uma personagem quase digna de filme, pela bizarria e aleatoriedade que a sua vida tantas vezes alcança. No entanto, nem só de notícias ditas “cor de rosa” se faz o seu percurso pe-

los media, e há também um lado bem obscuro.

A série é também uma forma de revelar mais sobre o passado, nomeadamente o falecimento do pai no 11 de Setembro, e forma como certas influências precoces, masculinas, afetaram para sempre a sua visão do mundo. Não sendo uma desculpabilização (nem devendo ser), ajuda a perceber melhor os contornos da sua vida.

Mesmo não sendo uma série ape-

nas para os fãs de Davidson, «Bupkis» tem um sentido de humor particular e não agradará a toda a gente. Não obstante, o seu fator choque e desconfortável acaba por atribuir uma assinatura muito particular à série, capaz de afastar ou agarrar o espectador em poucos minutos. Além disso, por vezes é um verdadeiro passeio de estrelas, com a participação de nomes como Ray Romano, Bobby Cannavale, Steve Buscemi, John Mulaney e Sebastian Stan, entre outros.



## TELEMARKETERS

**O documentário «Telemarketers», da HBO Max, recorda o modelo de sucesso do Civic Development Group (CDG). Uma atuação duvidosa que ainda hoje é replicada por algumas companhias.**

**SARA QUELHAS**

Quem nunca se queixou de telemarketing agressivo? Uma chamada inesperada, muitas vezes pouco clara, de alguém que – fazendo o seu trabalho – tenta vender, insistentemente, um serviço. Não é preciso pesquisar durante muito tempo para encontrar testemunhos de pessoas que se sentiram lesadas, além de queixas em diversas plataformas sobre comportamentos menos corretos. Por vezes, basta pesquisar um número que não conhecemos, e que não sabemos se queremos atender, para encontrar um chorrilho de denúncias.

«Telemarketers» é um documentá-

rio de três episódios, da responsabilidade sobretudo de Sam Lipman-Stern (realizador e ex-funcionário do CDG) e do antigo colega Pat Pespas, que registaram nos anos 2000 o que acontecia nos bastidores da empresa de telemarketing onde trabalhavam, o Civic Development Group (CDG). Apesar de um histórico criminoso desde os anos 90, a verdade é que a corporação conseguia sempre reinventar-se e, inclusivamente, repetir as vilanias do passado.

Qualquer pessoa podia trabalhar lá. Não havia controlo de cadastro, de aptidões ou de vícios. O CDG





## QUANDO O CRIME COMPENSAVA HBO MAX

era um verdadeiro parque de diversões para ex-presidiários, drogados e pessoas sem escrúpulos; entre quem não conseguia outro emprego e quem se conformava com o papel de telemarketer, a empresa era uma imagem heterogênea da sociedade, mais pobre sobretudo, de então. Com argumentos delineados de “banha da cobra”, os funcionários só tinham de repetir o discurso e amearhar contributos de cidadãos comuns. Mas o dinheiro que estes julgavam entregar a associações, ia diretamente para o bolso dos donos do CDG. Pontualmente vinham as multas, mas o valor era irrisório compa-

rado com os ganhos – é caso para dizer que o crime compensava.

«Telemarketers», realizado por Sam Lipman-Stern e Adam Bhala Lough, é uma experiência imersiva, quase em jeito de gravação caseira, onde a audiência percebe a realidade vivida por Sam, Pat e companhia. No meio do caos que era a CDG, percebemos a dimensão da irresponsabilidade de patrões e funcionários, a gravidade dos enganamentos e, sobretudo, o nível de despreocupação geral com o impacto na vida do outro. Embora o documentário analise de forma crítica o que testemunha, a verdade é que as

imagens, inicialmente algo “leves”, ganham nova dimensão pelos relatos a partir do presente.

Apesar de ser um documentário, a série procura criar alguma expectativa e mistério, sobretudo em torno da figura de Pat. Há um conjunto de ingredientes que tornam a narrativa mais ritmada, do argumento/discurso à tensão criada desde o presente, o que torna «Telemarketers» mais do que um mero ciclo que se fecha sobre si próprio. Temos pontas em aberto, desde logo quando fazemos a comparação com situações que, no presente, também vão passando sem a devida penalização...



# AHSOKA

## MAKING OF

Ahsoka Tano, antiga Jedi, foi aprendiz (Padawan) de Anakin Skywalker durante a Guerra dos Clones. Líder e guerreira respeitada, Ahsoka tornou-se numa lutadora formidável antes do reinado do Império mudar o curso da história galáctica. Apesar de se ter afastado da Ordem Jedi, continuou a defender aqueles que lutavam pela paz e justiça na galáxia muito após a queda da República.

O *showrunner* e criador da série, Dave Filoni, explica onde encontraremos Ahsoka nesta série. "Ela é uma Jedi errante, tipo samurai, que faz boas acções onde pode, mas sempre atenta a males maiores que podem estar

à espreita, que podem ameaçar tudo o que é bom na Nova República", afirmou Filoni. Na série Ahsoka, detectou de facto uma grande ameaça à República na forma do Grande Almirante Thrawn - o maior dos líderes da Marinha Imperial. Thrawn tinha desaparecido, heroicamente derrotado pelo aspirante a Cavaleiro Jedi Ezra Bridger. Agora, há a ameaça do regresso de Thrawn. Há sussurros na galáxia de que este mal está a erguer-se para ameaçar tudo o que é bom. E aquilo que está no caminho desta ameaça é a Ahsoka e a sua própria Padawan, Sabine Wren.

A estrela da série Rosario





Dawson juntou-se em 2020 à saga Star Wars, trazendo Ahsoka para a imagem real pela primeira vez em «The Mandalorian». O seu entusiasmo pela galáxia e por esta personagem é palpável. "Eu adoro onde Ahsoka está nesta altura", diz Dawson. "Ela é apenas uma guerreira samurai que anda por aí a lutar e a estar do lado bom das coisas. Na nossa série, podemos explorar um pouco mais sobre a comunidade em que ela está inserida e os amigos com quem está a trabalhar".

Para aqueles que não estão familiarizados com a personagem, Filoni explica que não é necessário o conhecimento

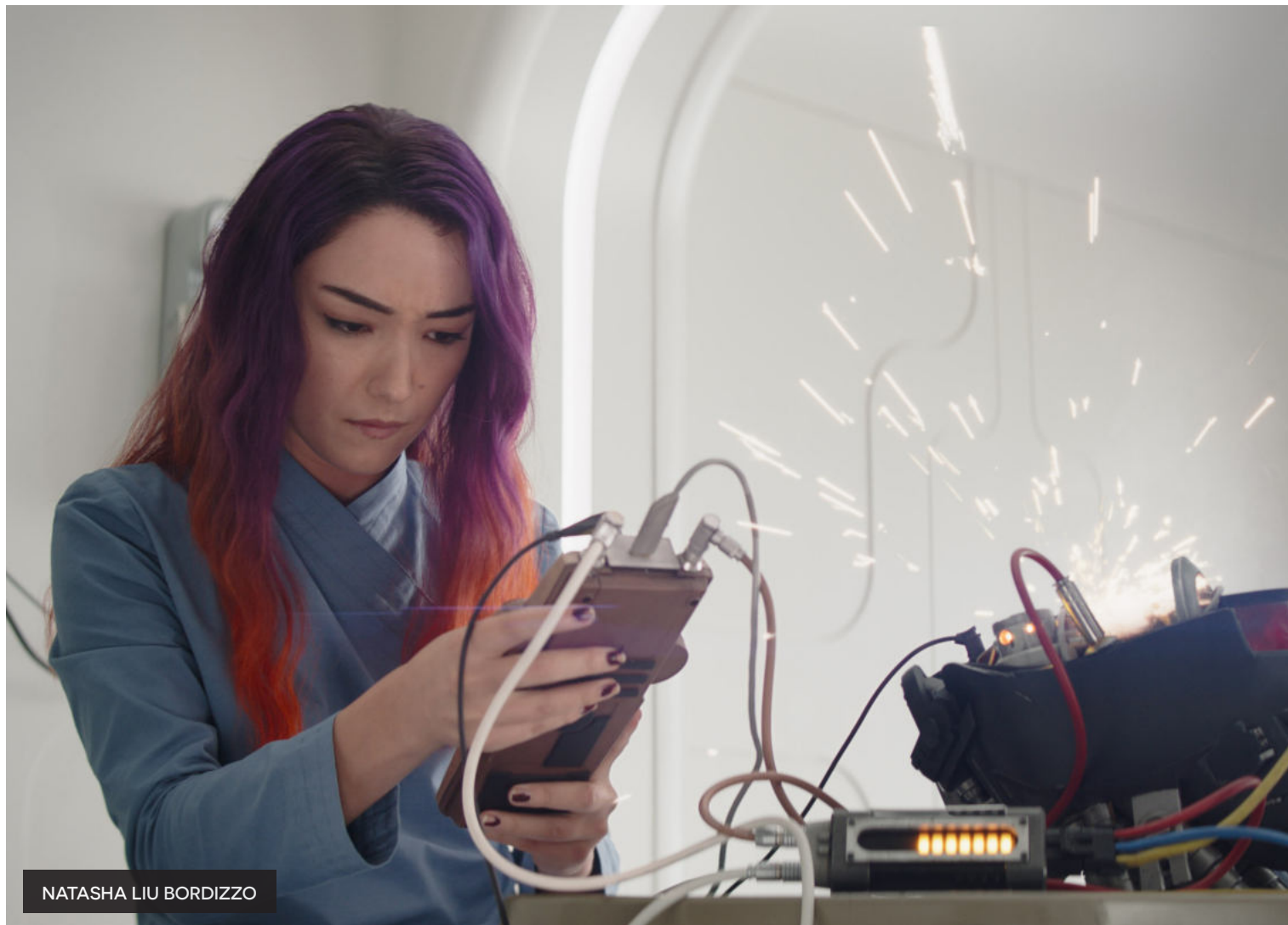
prévio da sua história. "Se não souberes nada sobre o universo da *Guerra das Estrelas*, não tem importância" refere Filoni. "Só precisas de saber que se trata de uma professora, que a Ahsoka é como uma mentora, que é uma samurai e ela está a tentar perceber se é capaz de ensinar Sabine. Será que ela vai ser uma boa professora? Será que Sabine vai ser uma boa aluna? A luta entre mestre e aprendiz é muito central na série.

#### **MESTRE E APRENDIZ**

"O meu trabalho era criar uma série de televisão para George Lucas chamada «The Clone Wars»", explica Filoni.

"O que nenhum de nós sabia era que a personagem mais importante dessa série ia ser uma nova personagem chamada Ahsoka Tano. George disse: 'Eu quero que Anakin aprenda a ter responsabilidade. Ele vai treinar um aluno. Isto vai criar uma dinâmica divertida entre Anakin e Obi-Wan, tendo entre eles esta jovem estudante impressionável entre eles'".

Dawson acrescenta: "Ela foi escolhida pelo Mestre Yoda para ser a Padawan de Anakin Skywalker. Eles viram no seu espírito e na sua personalidade, e no ponto em que ele se encontrava no seu percurso, que



NATASHA LIU BORDIZZO

esta seria uma oportunidade de aprendizagem e crescimento para ambos".

Tanto Ahsoka como Anakin acabaram por abandonar a Ordem Jedi, escolhendo caminhos muito diferentes. "Uma vez que Ahsoka é relacionada com uma das maiores personagens de George, Anakin Skywalker, ela tem laços com Darth Vader. Ela passou por muita história de *Star Wars*", explica Filoni.

Com Ahsoka a assumir o papel de mestre e Sabine como sua aprendiz, a série investiga o impacto que o passado teve sobre ela. "Há um medo profundo que começamos a explorar com Ahsoka, que nunca a abandonou, de ver esta pessoa que ela amava

e considerava da família se voltar para o lado negro", explica Dawson. "Então, será que ela vai chegar a esse patamar de mestre, onde não é apenas ser um mestre por si só, mas ser um mestre que vai passar essa riqueza de experiência a um Padawan".

"Quando me encontrei com o Jon e o Dave pela primeira vez, o Dave disse que esta série era sobre a relação entre um mestre e um aprendiz, e pensei 'bem, espero ser a aprendiz porque que sinto que não dominei grande coisa", ri-se Natasha Liu Bordizzo. "Uma coisa que adoro no percurso da Sabine é que ela luta com as suas emoções, é impulsiva. Tem boas intenções, mas estão a acontecer tantas coisas injustas à sua volta e ela

nem sempre toma as decisões acertadas".

O produtor executivo da série, Jon Favreau, acrescenta, "A ideia de aprendizagem - toda a série é sobre isso e como Ahsoka debate-se com isso quando está a interagir com a Sabine. Essa necessidade inerente de se juntarem para transmitir conhecimentos e ajudar a salvar a galáxia".

Reflectindo sobre a história de Ahsoka até agora, Filoni explica: "Ela não é perfeita. Tem falhas. Ela tinha muito para aprender. Ela é adulta agora, mas o seu passado dá-nos uma visão do seu comportamento e porque é que ela é assim. Foi um longo caminho para



a sua evolução desde a jovem Padawan de Anakin, e a partir daí, transformou-se numa personagem muito especial".

#### **ROSARIO DAWSON**

Levar uma das personagens mais populares de "Star Wars" da animação para a imagem real não é tarefa fácil e o restante elenco concorda que não havia ninguém mais adequado para o para o papel.

"A pessoa que é o nosso número um no *set*, quando chega de manhã, define o tom para todo o dia. E nunca encontraremos uma pessoa com melhor atitude de manhã do que a Rosario", partilha Filoni com entusiasmo. "Ela está em brasa, e está pronta para avançar. Ela sabe o que está

a fazer, está empenhada, e eu aprecio isso como vocês podem imaginar. A forma como ela investe em tudo é simplesmente fantástica. Acho que isso nos eleva a todos e influencia toda a equipa.

A produtora executiva Kathleen Kennedy comenta: "Rosario Dawson é uma atriz extremamente poderosa, e ela adora esta personagem. Tudo sobre quem é a Ahsoka, o que ela representa, essa tensão interessante que existe entre o bem e o mal, a escuridão e a luz, a sua relação anterior com Darth Vader (Anakin Skywalker) - ela deu vida a essa personagem de uma forma que quase mais ninguém conseguiu".

Natasha Liu Bordizzo interpreta

Sabine Wren, uma guerreira Mandaloriana, artista e antiga aprendiz de Ahsoka. Quando questionada como foi contracenar com Rosario Dawson, Bordizzo diz: "A Rosario é tão cheia de energia que não sei como é que ela consegue. Eu tinha um horário muito semelhante ao dela, por isso sei como pode ser cansativo e ela é uma pessoa cheia de energia. Ela tem tanto para dar, é muito harmoniosa e congrega as pessoas. Ela é a líder perfeita da série, tanto no ecrã como fora dele. É muito parecida com a Ahsoka. A sua energia é tão forte, e ela exala uma calma, um amor e uma coesão no cenário que realmente une toda a gente".

Mary Elizabeth Winstead, que interpreta na série o papel de



MARY ELIZABETH WINSTEAD



piloto às de aviões General Hera Syndulla, trabalhou com Rosario Dawson em «Grindhouse» (2007), de Robert Rodriguez e Quentin Tarantino. "Rosario é tão fixe. Conheço-a há anos e sempre achei que ela era a pessoa mais fixe do mundo e continua a ser. Ela aparece, está a trabalhar, está a divertir-se, está a brincar, no entanto, quando a câmara está a filmar ela está na "zona". Só o facto de estar na sua presença é uma sensação especial, e acho que isso é correto para a Ahsoka. Ela também tem esse tipo de presença, por isso acho que a Rosario é a pessoa perfeita para esse papel".

"Rosario, é simples, ela é Ahsoka", diz Ivanna Sakhno, que interpreta a ameaçadora Shin Hati, uma guerreira da Força. "Ela transporta a energia com ela para o cenário e isso transborda para o ambiente de uma forma tão leve. Ela é fantástica."

#### **DAVE FILONI**

Dave Filoni está na posição incrivelmente rara de ter estado a contar a história de Ahsoka Tano desde o início, agora quase duas décadas depois. Honrar o que aprendeu com o tempo em que trabalhou com George Lucas continua a ser a sua prioridade.

"George criou esta galáxia, criou estes personagens, criou estas dinâmicas, Jedi, Sith, a Força, a República, o Império, todas estas coisas com que eu lido são tudo elementos que George estabeleceu", diz Filoni. "Tive a sorte de ele me ter ensinado imensas coisas."

"Quando é o Dave Filoni a escrever, é fácil porque ele tem o conhecimento de toda a história", explica Dawson. "Era simplesmente fantástico tê-lo no estúdio todos os dias, porque qualquer pergunta que tivéssemos sobre qualquer coisa ele podia dar-nos a resposta curta ou longa,





RAY STEVENSON, IVANNA SAKHNO

mas podia dar-nos a resposta. Foi incrivelmente importante ter esse acompanhamento, tê-lo e perceber o porquê esta história e nesta altura e desta forma."

Jon Favreau e Dave Filoni trabalham juntos há mais de uma década, primeiro quando ele emprestou a sua voz à personagem Mandaloriana Paz Vizsla em «Star Wars: The Clone Wars» e, mais tarde, ambos como produtores executivos da série vencedora de um prémio Emmy «The Mandalorian». Favreau reflecte sobre a história de Dave com Ahsoka, dizendo: "Esta é uma personagem que ele viu crescer

juntamente com o seu público. O apreço que o público tem por uma personagem tão bem realizada e com tanta profundidade e complexidade, trazer essa personagem para a ação ao vivo fez um enorme sentido. No final do dia, vai ser uma visão muito única e pessoal.

"Dave é tão multifacetado que é difícil descrevê-lo como realizador, escritor, animador ou colaborador", conta Bordizzo. "De alguma forma, ele é o pai de tudo. É o detentor da história. É o guardião das chaves, mas é tão acolhedor, e eu diverti-me imenso a trabalhar com ele, porque há

muito respeito mútuo." Winstead concorda, referindo: "Ele é a pessoa perfeita para continuar a criar todas estas obras incríveis da Guerra das Estrelas, porque ele sente que vive e respira a Guerra das Estrelas e não é de todo um trabalho para ele. É a sua vida, o seu amor e, por isso, foi uma honra interpretar uma personagem que ele criou."

Sakhno acrescenta: "Dave está consciente das lições que estão a ser transmitidas às crianças que assistem à série. Estou muito grato por esta parte do mundo ser liderada por alguém como o Dave".



## AHSOKA

**Depois de uma passagem fugaz por «The Mandalorian» e «The Book of Boba Fett», Ahsoka Tano ganhou uma série a solo no catálogo do Disney+. O universo Star Wars continua a expandir-se à velocidade da luz.**

**SARA QUELHAS**

Ao contrário de outras personagens da franquia *Star Wars*, Ahsoka Tano (Rosario Dawson) surgiu nas animações «The Clone Wars», cresceu na narrativa e tornou-se mais popular entre os fãs, atingindo o ponto mais alto da sua jornada com «Ahsoka». Isto depois de um pequeno cameo sonoro em «Star Wars: Episódio IX - A Ascensão de Skywalker» (2019).

Depois da queda do Império Galáctico, a ex-cavaleiro Jedi Ahsoka segue uma missão solitária

em busca de respostas, nomeadamente relativamente ao companheiro Ezra Bridger (Eman Esfandi), celebrado na atualidade da série pela sua capacidade de sacrifício. Para, eventualmente, obter respostas, Ahsoka e companhia tentam encontrar o Grand Admiral Thrawn (Lars Mikkelsen), enfrentando obstáculos esperados e inesperados, que podem trazer surpresas brutais.

À imagem de outras séries da saga, «Ahsoka» é uma série bem ritmada, com muita ação e diálogos





## DA ANIMAÇÃO PARA O PEQUENO ECRÃ, HÁ NOVA HEROÍNA DISNEY+

curtos, onde parece estar sempre algo a acontecer. Com um núcleo central composto, maioritariamente, por personagens femininas, estabelece três linhas relacionais: com Sabine Wren (Natasha Liu Bordizzo), antiga aprendiz de Ahsoka, Hera Syndulla (Mary Elizabeth Winstead), a principal ligação Rebelde da protagonista, e Morgan (Diana Lee Inosanto) como adversária – até chegar ao provável conflito com Thrawn.

A nova série vem provar, uma vez mais, que não há limites para o

que se pode fazer em sagas como *Star Wars* ou *O Senhor dos Anéis*, entre muitas outras – podem criar-se narrativas inéditas, dar protagonismo a personagens mais pequenas, desenvolver acontecimentos nunca mencionadas – definindo-os apenas temporalmente – e até fazer a vontade da audiência ao dar séries em nome próprio a fan favourites. Uma receita de sucesso que, apesar de nem sempre cumprir as expectativas, tem uma *fanbase* muito bem definida. E, como há sempre ligações, há necessidade de ver tudo para conhe-

cer o universo ficcional a fundo.

Consistente e interessante, «Ahsoka» cumpre o que promete e, além dos vários momentos de ação, problematiza também os problemas próprios de quem combateu um dos Impérios mais impactantes da ficção, e ainda lida com os resíduos que deixou, além do perigo constante de se ver privado da sua liberdade. Há também problemas do passado, desde logo entre Ahsoka e Sabine, que vão despertando alguma curiosidade em torno do que aconteceu.



## INÉDITOS TV CINE

Setembro é um mês que tem o espírito da rentrée na TVCine, com os canais a proporcionarem grandes filmes aos espectadores. O mês também é dedicado à retrospectiva da saga James Bond. Nos destaques da **METROPOLIS** encontramos uma mão cheia de bons inéditos entre a ficção e o cinema documental. Ao longo de 2023, os canais TVCine têm sido um ponto de encontro do cinema documental de excelência. Os programadores do canal continuam a debitar tesouros inéditos que (infelizmente) escaparam às salas de cinema e podem ser vistos em exclusivo nos canais TVCine.

**JORGE PINTO**







### TODOS OS MEUS AMIGOS ME ODEIAM

«Todos os Meus Amigos Me Odeiam» é um filme curioso que anda na corda-bamba entre o terror e a comédia, realizado por Andrew Gaynord e escrito pelos estreantes Tom Palmer e Tom Stourton. Pete (Tom Stourton) é convidado pelos seus antigos colegas da universidade para uma casa senhorial, no *countryside* britânico, para celebrar o seu aniversário. Há vários anos que Pete não os vê e prepara-se para momentos enervantes e emocionais com amigos do passado e não só... A obra convida os espectadores a serem cúmplices dos acontecimentos. A narrativa joga com as presunções e pressupostos do género deixado a audiência sempre na expectativa: será que estamos dentro de um filme de terror ou perante uma partida às custas do aniversariante. E nessa construção (atmosfera, personagens e narrativa) o

argumento triunfa. Peter, o protagonista, é irritante e presunçoso q.b. para desejarmos que o céu lhe caia em cima. A interpretação está ligada à corrente e ficou a cargo de Tom Stourton que explorou os preconceitos e o passado do seu personagem para delinear as inseguranças de Peter. Ainda que em papéis pequenos, nos actores secundários, destaque para a presença das actrizes Antonia Clarke («The Serpent Queen») e Georgina Campbell (a magnífica Tess de «Barbarian»). A realização e todo o dispositivo trabalham afincadamente para criar a atmosfera de paranoia, alta tensão e também de humor negro com uma pilha de situações embaraçosas ao longo do filme. Todos os amigos de Peter talvez o possam odiar, mas os espectadores vão adorar este simpático filme. **JP**





© 2020 SOBINI FILMS. ALL RIGHTS RESERVED.

## ELLA BLUMENTHAL: ESTOU AQUI

«Ella Blumenthal: Estou Aqui» é um grandioso relato de sobrevivência que relata os horrores do Holocausto e do extermínio em massa dos judeus por parte dos alemães no decurso da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Relatar o passado e as crueldades dos nazis perante a resiliência de Ella Blumenthal foi a forma encontrada pela realizadora Jordy Sank para abordar os relatos e as teorias absurdas acerca da inexistência do Holocausto, o ressurgimento da extrema direita e os ataques anti-semitas. O filme contrapõe a vida de Ella na Cidade do Cabo aos 98 anos com os *flashbacks* da sua jornada de sofrimento em Varsóvia até à libertação dos campos de concentração pelas tropas aliadas. Ella continua a demonstrar uma invejável resiliência e um

amor pela humanidade depois de todo o ódio que sofreu. Os *flashbacks* dos campos de concentração são feitos em animação, são momentos carregados de emoção e dor humana que ganham outro ímpeto com as imagens animadas a cargo de Greg Bakker e com a locução de Ella Blumenthal. Não há muitas palavras para descrever a crueldade, o sadismo dos nazis e a precisão germânica de uma máquina de matar. Ella conseguiu sobreviver a tudo isso e protegeu até ao fim a sua sobrinha, a única pessoa que lhe sobrou de 23 membros da sua família. É um documentário obrigatório sobretudo para as novas gerações que tendem a esquecer o passado e a cair nos mesmos ciclos destrutivos..

**JORGE PINTO**

## INÉDITOS TV CINE



### TRUE THINGS

A espantosa Ruth Wilson («Luther», «The Affair») é a protagonista de «True Things», um drama melindroso de uma mulher em rota de colisão com o seu próprio destino. Kate (Ruth Wilson) vive só e tem trinta anos, a obsessão com o seu relógio biológico e a sua necessidade de encontrar alguém deixam-na desesperada e carente de afecto. No seu trabalho rotineiro de assistente social conhece um ex-presidiário (um bom papel de Tom Burke) que vira o seu mundo e os sentimentos de Kate do avesso. Será o verdadeiro amor ou apenas mais uma pessoa a se aproveitar da condição de Kate? A obra é muito interessante no retrato de Kate na sua relação tóxica onde o seu mundo vai gradualmente colapsando. «True Things» respeita uma lógica de ob-

servação do caos para procurarmos a construção e a procura de algo positivo, harmonioso e que nos motive a voltar a sorrir com a vida. É um filme sobre a procura do amor próprio após a desordem. A realização da britânica Harry Wootliff demonstra grande sensibilidade e poesia perante o caos. É evidente que ter uma Ruth Wilson num projecto é meio caminho andado para o sucesso. A actriz agarra-se – como sempre – com unhas e dentes à performance de uma personagem perdida e nociva para si mesma, mas que talvez nos venha a surpreender. É uma bela viagem de descoberta. Ruth Wilson e Harry Wootliff voltam-se a cruzar no Verão de 2023 na série da BBC «The Woman in the Wall» (2023).

**JORGE PINTO**





COPYRIGHT - 2022 - MY-BOX-FILMS - GAUMONT-RESSOURCES

## ROSY, THE FORBIDDEN JOURNEY

«Rosy, The Forbidden Journey» é um documentário realizado por Marine Barnérias que relata uma história digna de um épico filme de Hollywood. Mas a questão é que a história de Marine é mais fantástica do que a própria ficção. O relato e a obra pertencem por inteiro a Marine, uma jovem francesa de 21 anos que foi diagnosticada com esclerose múltipla, uma sentença impiedosa e irreversível que ameaça deixá-la paralisada. Com os dias contados, Marine resolveu enfrentar a vida de braços abertos. Ela resolveu trocar as voltas à esclerose múltipla com a sua abordagem sob forma de uma viagem em busca do equilíbrio do corpo, da mente e da alma percorrendo a Nova Zelândia, Myanmar e a Mongólia. O que começou como um vídeo-diário, para

comunicar consigo mesma, tornou-se a base para este filme inspirador. Os vídeos foram gravados ao longo da travessia pelos três países e perante o inesperado, a incerteza e o medo transparece a sinceridade e a energia contagiante de Marine sem filtros. «Rosy» (o apelido que Marine atribui à sua doença) tem vibrações de manual de auto-ajuda mas sem ser piegas. As paisagens são de uma beleza em estado puro, as interações com as pessoas são maravilhosas e singra a força de viver da protagonista. Não se admirem que um dia estivéssemos a ver esta história contada por um grande estúdio... mesmo assim temos a certeza que Marine é uma estrela e não precisa de substitutos.

**JORGE PINTO**

# INÉDITOS TV CINE



## SHOW ME THE PICTURE: A HISTÓRIA DE JIM MARSHALL

«Show Me the Picture: A História de Jim Marshall» é um sétimo céu para todos os amantes de música. Jim Marshall foi um fotógrafo omnipresente nos maiores momentos da História da música entre os anos 1960 e 70. Ele capturou imagens únicas, pessoais e com uma intimidade desarmante. Os momentos tornaram-se icônicos graças à objectiva de Jim Marshall. Daqui a mil anos quando se falar de Miles, Dylan, Coltrane, Joplin, Monk ou Hendrix provavelmente alguém estará a olhar para uma foto desses ícones da autoria de Jim Marshall. O documentário de Alfred George faz uma retrospectiva da vida do fotógrafo e explica o porquê de ele estar presente em tantas ocasiões que ficaram gravadas em ouro na memória colectiva. Jim Marshall tinha a capacidade singular de capturar as estrelas em momentos de perfeição, e as estrelas permitiam-lhe acesso único. Havia um paradoxo na sua personalidade entre a delicadeza e compaixão das suas fotos em colisão com a sua personalidade irascível que só piorou com as drogas e a sua pancada pelas armas. O filme faz uma trajectória

perfeita entre a sua infância até ao final dos seus dias. É um percurso que se confunde com a História da Música e da América. O acesso exclusivo ao último concerto dos Beatles, a cobertura da *tour* americana dos Rolling Stones em 1972, a estreia de Hendrix na América, o icónico concerto/álbum ao vivo de Johnny Cash na prisão de Folsom são alguns dos momentos inacreditáveis deste filme que termina (fora de cronologia) com – evidentemente – Woodstock. Além das fotos, o documentário tem como espinha dorsal entrevistas com amigos, músicos, colegas e admiradores. A par disso, três entrevistas com Jim Marshall correm em pano de fundo em três épocas distintas: a insanidade em 1978, o fundo do poço em 1984 e a sobriedade em 2004, permitindo um vislumbre ainda mais íntimo da sua personalidade. Este documentário é riquíssimo e imperdível. Não é só um documento, é um monumento à vida (complexa) e à herança de uma época, apesar de todo o glamour do rock, o doc. nunca perde a sua identidade com profundidade de sentimento sobre uma figura insubstituível. **JP**





© THE NOVICE, LLC 2021

## A CALOIRA

Quando o remo se cruza com «O Cisne Negro» temos uma obra estupenda em termos visuais e humanos.

Alex (Isabelle Fuhrman de «Órfã», 2009) é uma caloiira que deseja entrar na equipa de remo da universidade, mas não lhe bastam os mínimos, ela deseja ser a melhor a todo o custo. «A Caloiira» pode ser visto como um retrato de obsessão, mas também de determinação que coloca a protagonista muito próxima da loucura e dos limites na procura da sua meta. «A Caloiira» é uma estreia meteórica de Lauren Hadaway como argumentista e realizadora na sua primeira longa-metragem. É uma obra profundamente trabalhada do ponto de vista cinematográfico. A sua realização transporta-nos para outro mundo, a montagem, a cinematografia, a música e o som são subliminares e componentes vitais de toda atmosfera e intensidade da obra. O argumento transforma uma obsessão real em algo absolutamente surreal e incrível. A interpretação de Isabelle Fuhrman é avassaladora, a atriz en-

trega-se por completo a este desempenho esgotante a nível físico (não teve duplo) e mental.

Lauren Hadaway é claramente um talento que sabe o que anda a fazer e tem uma longa experiência em diversas áreas da componente sonora, tendo trabalhado em quase meia centena de filmes, entre eles «Os Oito Odiados» (2015), «Whiplash - Nos Limites» (2014), «Liga da Justiça» (2017). Aliada à sua realização meticulosa e autêntica – não há nada por acaso no filme – a narrativa sente-se como uma experiência profundamente pessoal e intensa. Lauren Hadaway foi atleta de remo na universidade e transformou os 4 anos de experiência de remo universitário numa história que decorre num ano. «A Caloiira» faz-nos lembrar «Whiplash» e evidentemente «Cisne Negro», de Darren Aronofsky – Lauren Hadaway pode ser considerada uma discípula dessa mestria visual. Aguardamos (ansiosamente) pelo seu próximo trabalho.

**JORGE PINTO**

FILMES

CRÍ

TI

CA

S





## NEM PENSES QUE TE VOU CONVIDAR PARA O MEU BAT MITZVAH

### TÍTULO ORIGINAL

You Are So Not Invited to My Bat Mitzvah

### REALIZAÇÃO

Sammi Cohen

### ELENCO

Jackie Sandler

Idina Menzel

Adam Sandler

### ORIGEM

EUA

### DURAÇÃO

103 min.

### ANO

2023

NETFLIX © 2023

«Nem Penses Que Te Vou Convidar Para o Meu Bat Mitzvah» da Netflix é uma “épica” história de amizade entre duas adolescentes que são as melhores amigas desde o jardim de infância e que se preparam para celebrar o seu Bat Mitzvah. Mas no evento que assinala o momento de passagem para a idade adulta na tradição judaica é também uma idade onde tudo acontece (e na pior altura) para as duas melhores amigas. Um rapaz coloca-as de costas voltadas e elas ficam em pé de guerra.

O filme baseia-se no livro homónimo de Fiona Rosenbloom, e tem o pedigree para se tornar uma obra de culto para os mais jovens pela sua afinidade entre as melhores amigas e a forma madura como aborda os clichés inerentes a essa idade. A história que começa por amizade também se transforma num relato transformativo e de crescimento. E de uma forma subtil aborda a questão da fé e da bondade para com o próximo. A comédia está bem vincada, mas a relação central entre Ronnie Friedman (Sadie Sandler) e Lydia Katz (Samantha Lorraine) rouba o filme.

Sadie Sandler está maravilhosa, é uma revelação num registo mais dramático e distinto da carreira de sucesso de comediante do pai. A família de Sandler está toda no filme, os pais (Adam e Jackie Sandler) e a irmã (Sunny Sandler), todos têm registos simpáticos. A par da relação central está engraçada a dinâmica familiar na casa dos Friedman, com o stress do pai (Adam Sandler) que vê as suas filhas, Ronnie e a irmã mais velha (Sunny Sandler) crescerem e deixarem de ser as meninas do papá. A outra revelação do filme é Sarah Sherman como a Rabbi Rebecca, a rabiña *super cool* e próxima dos seus alunos. É mais uma estrela saída de SNL (Saturday Night Live), ela é imperdível sempre que está em cena. A realizadora Sammi Cohen demonstrou um enorme cuidado e sensibilidade na direcção de actores, captando a dor existencial da sua protagonista, e acertou em cheio no tom desta obra. Não se deixem enganar apenas pelo tom de comédia para adolescentes, «Nem Penses Que Te Vou Convidar Para o Meu Bat Mitzvah» é um belíssimo filme para toda a família. **JORGE PINTO**

## TED K

### TÍTULO ORIGINAL

Ted K

### REALIZAÇÃO

Tony Stone

### ELENCO

Sharlto Copley

Drew Powell

Christian Calloway

### ORIGEM

EUA

### DURAÇÃO

120 min.

### ANO

2021



Depois de assistir ao filme «Ted K» assaltou-me uma velha memória que há muito estava arrumada algures na minha cabeça, a memória meio vaga de um medo terrível que eu tinha em criança de abrir a caixa de correio. Isto nos anos 90, justamente na recta final de uma longa perseguição que acabou na detenção de Theodore Kaczynski, mais conhecido como “Unabomber”, um dos terroristas domésticos mais famosos dos EUA, que matava pelo correio, enviando encomendas armadilhadas. É impressionante como este caso, que se estendeu entre 1978 e 1995, causando três mortos e mais de duas dezenas de feridos, acabou por entrar no imaginário colectivo.

Um mistério e uma dor de cabeça para os serviços secretos durante anos a fio, Kaczynski conseguiu quase sempre iludir os investigadores que, a princípio, procuravam alguém com um perfil totalmente diferente. Ainda jovem, Kaczynski começou por se distinguir como um matemático brilhante, havendo quem o apelidasse mesmo de génio. Depois de se formar, ele trabalhou durante algum tempo como professor na prestigiada Universidade de Berkeley, mas acabou por se demitir e desistir totalmente da carreira académica para se

isolar numa pequena cabana sem eletricidade ou água corrente, perto de Lincoln, Montana.

Este isolamento terá (ou não?) contribuído para a sua radicalização, assente num posicionamento eco-fundamentalista e totalmente contra o desenvolvimento da tecnologia. Os alvos privilegiados dos seus ataques foram, pois, representantes de grandes empresas tecnológicas, académicos das áreas de engenharia e computação, companhias aéreas e empresas responsáveis por desastres ecológicos (como o derrame de crude ou a destruição de florestas). Filmado no mesmo local onde durante anos Ted Kaczynski viveu, o argumento de «Ted K» foi construído como base nas mais de 25.000 páginas de escrita codificada encontradas na sua cabana. Nestes escritos, narrados em off, Kaczynski (Sharlto Copley) resume os seus feitos, motivações e angústias. Ele é um homem tímido, desajustado, em permanente guerra com o resto do mundo não natural. Num filme simples e pouco ambicioso, Tony Stone conseguiu ainda assim capturar perfeitamente esse desespero sem fundo que Copley tão bem encarnou, mesmo por debaixo de uma densa barba. Vale a pena ver.

**CATARINA MAIA**





## CONSPIRAÇÃO DO CAIRO

TÍTULO ORIGINAL

Wlad min al-Janna

REALIZAÇÃO

Tarik Saleh

ELENCO

Tawfeek Barhom

Fares Fares

Sammy Soliman

ORIGEM

Suécia/França/Finlândia

DURAÇÃO

110 min.

ANO

2022

“Em 972 os Fatimitas fundaram Al-Azhar para ser o centro de educação islâmica. O grande imã é a autoridade máxima do Islão Sunita. Ao longo dos séculos os governantes do Egito tentaram controlar Al -Azhar. Até agora falharam essa intenção”. Assim abre «Conspiração do Cairo», lançando os dados deste estimulante e perturbador thriller com o jovem Adam como peão central dum conflito entre o poder espiritual e o poder temporal, neste país e civilização milenares.

Num país desigual e pobre como o Egito a educação através da religião é uma das escassas oportunidades para os jovens humildes ascenderem socialmente. É o caso de Adam, filho de pescador, que ajuda o Pai na faina diária, numa pequena localidade onde vive com mais dois irmãos, numa família cumpridora dos ensinamentos e rituais da fé islâmica. A possibilidade de ir estudar para Al-Azhar chega por carta e Adam parte para o Cairo. Da pacata vila piscatória para a capital o ritmo narrativo acelera para um momento chocante e surpreendente: o grande imã, o líder supremo do poder religioso morre, em circunstâncias misteriosas, para consternação geral de Al-Azhar e preocupação das autoridades políticas egípcias, desejosas de controlar a escolha do sucessor. O verdadeiro *thriller* começa aqui: inspirado pelos

mestres do suspense e da espionagem o realizador leva-nos numa sucessão de episódios trágicos, ameaças, traições e descobertas comprometedoras a par dos rituais próprios duma escola religiosa de raiz islâmica. É um labirinto de pistas e elementos onde no centro está o jovem Adam, ingénuo e ainda não corrompido nem pela fé nem pela política (a escolha do título original em inglês é muito feliz: «Boy From Heaven»). Tudo filmado com ritmo, economia narrativa e muito suspense, numa mise en scène equilibrada e um protagonista desconhecido do grande público, sócia dum tal Gael Garcia Bernal, numa escolha feliz de *casting*.

Dito isto, importa sublinhar o forte pendor crítico ao estado da arte, em termos político-religiosos, do Egito atual e às divisões no mundo da fé sunita que subjazem a este «Conspiração do Cairo». Um filme como este, premiado em Cannes 2022 pelo argumento, nunca poderia ter sido feito no país do realizador, proibido de regressar ao Egito durante a rodagem do seu filme anterior- «The Nile Hilton Incident» (2017). No final do filme, alguém pergunta ao jovem Adam: “O que aprendeste (em Al-Azhar)? A resposta foi um silêncio profundo e o regresso ao labor original – o trabalho na pesca com o Pai.

**SÉRGIO ALVES**

## UMA BOA PESSOA

### TÍTULO ORIGINAL

A Good Person

### REALIZAÇÃO

Zach Braff

### ELENCO

Florence Pugh

Morgan Freeman

Celeste O'Connor

### ORIGEM

EUA/Canadá

### DURAÇÃO

128 min.

### ANO

2023



O que é, afinal, uma boa pessoa? A resposta não é linear e Zach Braff deambula pelos vários caminhos do que isso possa significar. Na nova obra, Allison e Daniel encontram-se na dor, após uma tragédia que afeta ambos para sempre. Dias antes de casar, Allison conduz um carro que sofre um acidente fatal. Ela sobrevive, mas o mesmo não acontece aos restantes passageiros (a filha e o genro de Daniel, que também seriam os futuros cunhados da jovem). Um ano depois, Alison desenvolveu uma adição aos opiáceos receitados pelo médico e Daniel tenta manter-se sóbrio. Ambos procuram reencontrar a vontade de viver.

Braff começou a sua carreira como ator, a vertente pela qual é mais conhecido, mas já demonstrou as suas competências na realização. Na sua nova obra, denota-se uma maior confiança do cineasta, o que resulta num filme coeso e seguro, mas também de grande delicadeza, sem escamotear a crueza.

O seu cinema não tem muitos artifícios, o foco passa pela profundidade das narrativas, com grande destaque para os conflitos internos das personagens, tal como demonstrado particularmente em «Garden State» (2004) e «Dava Tudo Para Estar Cá» (2014), em que também

assina o argumento. O mesmo acontece com «Uma Boa Pessoa», com a diferença que, desta vez, Braff não aparece em cena. O foco vai, assim, inteiro para o elenco, que é concentrado, dando mais espaço para o arco principal.

Florence Pugh é uma atriz poderosa na sua arte, que mostra explosão e subtileza no momento certo, na dimensão certa. Braff sabe disso e dá-lhe todo o palco, numa decisão que não poderia ser mais acertada. O papel muito exigente e de interpretação exemplar comprova que Pugh é uma das melhores atrizes da sua geração. O elenco secundário é também competente, com destaque para Morgan Freeman, num desempenho comovente e acutilante.

Com uma grande sensibilidade, alternando o drama com momentos mais leves, o filme aborda o impacto da dor, da culpa, mas também da compaixão e do perdão, nas suas várias dimensões. Mais do que dar uma resposta concreta, «Uma Boa Pessoa» leva à reflexão e emociona, envolvendo o espectador na imprevisibilidade da vida e questionando o que podemos fazer com ela.

**TATIANA HENRIQUES**





## FALCON LAKE

### TÍTULO ORIGINAL

Falcon Lake

### REALIZAÇÃO

Charlotte Le Bon

### ELENCO

Joseph Engel

Sara Montpetit

Monia Chokri

### ORIGEM

França/Canadá

### DURAÇÃO

100 min.

### ANO

2022

Claramente ao rever «Falcon Lake», a intriga e as suas pressuposições adquirirão outro significado, mas a primeira viagem pela longa-metragem de estreia de Charlotte Le Bon é figurativamente equivalente à primeira viagem pela nossa descoberta emocional e sexual.

Apresentado em Cannes, mais precisamente na Quinzena de Realizadores da edição de 2022, “Falcon Lake” leva-nos ao homónimo lago canadiano, em época estival de uma família ao encontro de um casal amigo, longe dos olhares dos adultos embarcados em jogos sociais e provas de vinhos deparamos com um pré-adolescente, que nas “artimanhas” de uma (assumida) adolescente, vai-se despertando para uma outra percepção para com o mundo - o fim da inocência, o início da adolescência. Por entre jogos sexuais e outros de cariz mutilador (o filme reage ao ‘suposto’ romance numa posição mórbida e silenciosamente sanguinária), a delicadeza de Le Bon em construir uma linguagem de corpos como interação carnal, respeitosa e, convém afirmar, nada de preocupantemente explícito ou lascivo, deixando a sugestão como elemento erotizado, convertendo esta obra numa espécie “madalena” proustiana universal (são poucos aqueles que não experienciaram as suas primárias demandas sexuais com cautela e magnetismo ao desconhecido). «Falcon

Lake» é concebido nessa condição, a dos “verdes anos”, sem condescendências nem “ping pongs” perspetivos, onde os adultos tornam-se irrelevantes, sendo que aquele território é (agora) dominado pelos jovens hormonizados, secundarizando os seus tutores a forças ora ambíguas, ora antagónicas. E tal ‘guia turístico’ não funcionaria se o par não fosse convincente; ele (Joseph Engel, pequeno ator requisitado por Louis Garrel nas várias suas aventuras pela realização) incorpora o autodestrutivo ser corrompido pela experiência, batalhando entre a infância a fragmentar-se e a adolescência no virar da esquina, enquanto ela (Sara Montpetit), a vivaça, a sedutora emocionalmente quebrada, de ambições estagnadas numa lagoa assombrada, confronta com as suas decisões e a suas indecifráveis vontades. Uma dupla que nos convida ao visitar seu íntimo, aos apalhões nas suas “primeiras vezes”, ignorando destinos fatídicos e supostos fantasmas que povoam o nenhures canadiano. Porém, a viagem é ela mesma corrompida, «Falcon Lake» deseja a sugestão como ninguém e nisso quebra a narrativa numa encruzilhada quase shyamaliana, depois disso o filme ganha um outro significado, uma outra visão, um outro efeito, o que nos leva ao grande dilema da nossa modernidade enquanto espectador - continuidade? Fortalecer ou enfraquecer? **HUGO GOMES**

## UMBERTO ECO A BIBLIOTECA DO MUNDO

### TÍTULO ORIGINAL

Umberto Eco – La Biblioteca del Mondo

### REALIZAÇÃO

Davide Ferrario

### DOCUMENTÁRIO

### ORIGEM

Itália

### DURAÇÃO

80 min.

### ANO

2022



“A biblioteca é, ao mesmo tempo, símbolo e realidade da memória universal”, diz o homem que possuía à volta de 1200 livros raros e antiquíssimos e outros 30 000 contemporâneos. Esta frase, pronunciada nos primeiros minutos de «Umberto Eco – A Biblioteca do Mundo», será uma das ideias-chave do documentário de Davide Ferrario, que explora o legado e o fascínio do gigante intelectual italiano através de excertos das suas várias intervenções públicas e entrevistas, mas também da voz de alguns familiares (é o filho quem nos abre as portas da imensa biblioteca que ele cedeu ao Estado) e outras manifestações humanas geradas pelo amor aos livros, enquanto objetos físicos de incomensurável valor imaterial.

É, aliás, essa qualidade corpórea da “coisa” livro, a sua manifesta celebração existencial, que distingue a abordagem de Ferrario de um trabalho mais ou menos comum em torno de uma personalidade. Digamos que, apesar de uma certa feição televisiva, «Umberto Eco – A Biblioteca do Mundo» ganha pontos no modo explícito com que traduz o afeto de Eco por aqueles objetos “vivos” que aumentaram a sua visão sobre a memória do mundo e a dinâmica do conhecimento. É simplesmente delicioso assistir a pedaços das suas palestras em universidades, onde fala, por exemplo,

do lugar do livro na era digital, ou, num plano mais íntimo, vê-lo recordar a avó que gostava muito de ler e lhe transmitiu, na infância, a paixão pelas histórias.

Nesse gesto de transmissão está a verdadeira essência deste documentário: é preciso manter acesa a chama da devoção aos livros, mostrar como a atitude do autor de “O Nome da Rosa” não tinha nada de sobrançeria cultural, mas sim muito de curiosidade infantil e sentido de aventura. «Umberto Eco – A Biblioteca do Mundo» passa esse bichinho para o espectador, alimentando um estudo humano a partir do princípio da bibliofilia (“Tenho livros de todas as línguas imaginárias alguma vez inventadas”) e perdendo-se alegremente no labirinto de temas e teorias que eram caras ao ilustre filósofo e semiólogo.

Com um vislumbre generoso das vastas estantes de literatura coligida pelo grande nome da intelectualidade italiana, o filme de Ferrario cumpre o seu desígnio de louvor do homem e do seu pensamento, sem nunca cair nas armadilhas do documentário demasiado sério e sisudo. Um pequeno prazer, repleto de ideias fervilhantes, que nos põe em contacto com uma das mentes mais prodigiosas, desafetadas e entusiastas do universo académico. **INÊS N. LOURENÇO**





## FALA COMIGO

### TÍTULO ORIGINAL

Talk to Me

### REALIZAÇÃO

Danny Philippou

Michael Philippouy

### ELENCO

Ari McCarthy

Hamish Phillips

Kit Erhart-Bruce

### ORIGEM

Austrália/Reino Unido/EUA

### DURAÇÃO

95 min.

### ANO

2022

Sedento por novas práticas de linguagem, a pensar numa renovação das audiências, o cinema deu o Óscar a «Tudo em Todo o Lado ao Mesmo Tempo» entusiasmado com a potência estética da linguagem *TikTok*, uma forma de narrar cujos cortes são mais rápidos do que *The Flash*, ancorado em *twists* de argumento a cada segundo. É uma lépida estética atenta à concentração nos dilemas juvenis, retratando angústias afetivas. São novos (os) tempos e, com eles, nascem novas linhagens de se narrar, inclusive nos lugares do cinema de gênero. O horror, ponto de atração de jovens, é o lugar que melhor vem se moldando às demandas da contemporaneidade, inclusive o tom *TikToker* de narrar. Nessa atração mútua entre uma nova demanda dramática e uma oferta pautada pelo radicalismo, produções de pequeníssimo porte, como o filme de terror anglo-australiano «Fala Comigo» («Talk to Me»), está a brilhar no circuito internacional. É um engenhoso exercício de crônica de costumes sintonizado com as veredas de um assombro de linha política apontado em «Get Out» (2017), de Jordan Peele. Ou seja, estigmas históricos como o racismo e a violência contra as mulheres são o seu foco.

Orçado em US\$ 4,5 milhões, o thriller sobrenatural

«Fala Comigo» arrecadou US\$ 36,5 milhões mundo afora, além de ter conquistado a nobre montra na programação da Berlinale, na capital alemã, de onde saiu ovacionado. A sua estrutura narrativa rompe com as convenções.

Atento ao novíssimo cinema australiano, o Festival de Berlim importou de *down under* um estudo sobre as comunicações profanas com os mortos, estruturado sob a direção dos *YouTubers* (e gémeos) Danny e Michael Philippou. Eles não se escusam de usar *jump scares*, a técnica histórica de fazer a plateia saltar das cadeiras ao dar de caras com o demónio – ou com assassinos armados. O elemento que causa medo na trama rodada pelos irmãos Phillipou é uma estatueta em forma de mão, supostamente produzida a partir de um punho embalsamado. Quem a aperta e diz o imperativo “Fala comigo” abre um portal para espíritos, quase sempre maus. O erro da jovem Mia (interpretada pela ótima Sophie Wilde) é fazer esse ritual sem ter feito as pazes com o seu inconsciente acerca da misteriosa morte da sua mãe. O que vai sair das incursões dela ao Além é tenebroso, e clama por sangue. Trata-se de uma eletrizante atualização dos códigos do horror juvenil, com uma montagem enervante. **RODRIGO FONSECA**

## BLUE BEETLE

### TÍTULO ORIGINAL

Blue Beetle

### REALIZAÇÃO

Angel Manuel Soto

### ELENCO

Xolo Maridueña

Bruna Marquezine

Susan Sarandon

### ORIGEM

EUA/México

### DURAÇÃO

127 min.

### ANO

2023



À caça de formas de repaginar a Liga da Justiça, retomando isoladamente as narrativas de cada um de seus integrantes, com destaque para o esperado «Superman» de James Gunn, a DC tem aberto seu baú de heróis menos conhecidos a fim de oferecer a Hollywood novos veios *pop*. Em 2010, tentou fazer isso com «Jonah Hex», *cowboy* oferecido a Josh Brolin. Não teve todo o sucesso que esperava. Repetiu essa tentativa com «Black Adam», elegendo Dwayne The Rock Johnson para dar vida e alma a um vilão transformado em vigilante. O resultado não encheu os cofres da Warner com as cifras esperadas, mas rendeu um filme de qualidade. Agora é a vez de «Blue Beetle», uma mistura de Sherlock Holmes com o Professor Pardal (personagem inventor da Disney), para ir a campo atrás dos espectadores. O carisma do personagem é gigante.

Mistura de humor, crítica política e aventura nos moldes (plásticos e dramáticos) do (hoje filme de culto) «Homem-Aranha» de Sam Raimi de 2002, «Blue Beetle» é uma aventura espantosamente hábil

como narrativa de gênero e tem requintes singulares para lidar com os códigos dos *comics* das quais é derivado. Sob a direção vívida de Angel Manuel Soto, o divertido filme cria um quebra-cabeças a partir das múltiplas identidades que o Besouro teve na banda desenhada a partir da década de 1940. Prende a plateia pelo seu engenho dramático e pela química do par romântico formado por Bruna Marquezine e Xolo Maridueña.

Ao longo das duas horas (muito bem) escritas pelo argumentista Gareth Dunnet-Alcoer, a sensação é estarmos perante uma versão audiovisual de "As Veias Abertas da América Latina", livro reverenciado de Eduardo Galeano sobre as vicissitudes da realidade das Américas sob as dores da colonização e do imperialismo. São duas horas de militância quase zapatista, falada em espanhol (mas com sotaque da juventude internauta de hoje), acerca das mazelas de uma família hispânica. Há um clã empobrecido em cena, que vive numa cidade de imigrantes explorada pela bilionária da robótica Victoria Kord (Susan





© 2023 WARNER BROS. ENT. ALL RIGHTS RESERVED.

Sarandon, impecável no posto de vilã). O desejo dela é decifrar os enigmas de um escaravelho mágico capaz de oferecer ao seu "escolhido", ou seja, o seu hospedeiro, um tipo de armadura simbiote, dotada de poderes. O seu escolhido será Jaime Reyes, o papel de Xolo Maridueña, que brilha na série Netflix «Cobra Kai». A figura que ele constrói com base na banda desenhada só faz expandir o seu carisma, sem deixar de pontuar a natureza "excluída" das comunidades hispânicas dos Estados Unidos.

Bruna Marquezine dá viço e inteligência à figura de Jenny Kord. O mesmo perfil pode ser encontrado na avó, figura desempenhada por Adriana Barraza. Tudo é bem doseado na forma como o porto-riquenho Manuel Soto dirige, o que já se percebia em «La Granja» (2015) e «Charm King Nights» (2020).

O seu trabalho valoriza o cardápio da DC, com direito a um engenhoso uso do vilão OMAC, espécie de vírus robótico, aqui visto numa nova roupagem, com a ajuda do ator Raoul Max Trujillo (de «Apocalipto»),

no papel do mercenário (cheio de traumas) Carapax.

Numa triagem histórica, o filme se reporta a vários Besouros. O herói surgiu em 1939, nas páginas da revista "Mystery Men Comics". Originalmente, o seu nome era Dan Garrett, indivíduo que ganhava superpoderes de um escaravelho sagrado. Depois, nos anos 1980, a identidade secreta mudou para Ted Kord, um inventor capaz de inventar uma nave com aspecto de inseto. Por fim, nos anos 2000, num empenho de integrar a comunidade latina, a DC resolveu apresentar um novo guerreiro para encantar o seu público leitor: Jaime Reyes. É um jovem que, em contato com um artefato em forma de besouro desenvolve uma armadura especial, repleta de armas e energia, e resolve emprega-la no combate o crime.

George Lopez é um destaque do elenco no papel do tio malandro de Jaime. Nas cenas pós-créditos, encontra-se uma comovente homenagem à série «Chapolim» («El Chapulín Colorado») (1973-79).

**RODRIGO FONSECA**



EM SETEMBRO, TUDO ESTREIA AQUI

SEM  
TEMPO  
PARA <sup>007</sup>  
MORRER

ESTREIA 29 SETEMBRO



NAÇÃO VALENTE  
ESTREIA 4 SET



ELVIS  
ESTREIA 8 SET



A VOZ DAS MULHERES  
ESTREIA 17 SET



OSSOS E TUDO  
ESTREIA 22 SET

TV CINE

TOP | EDITION | EMOTION | ACTION





## GRAN TURISMO

### TÍTULO ORIGINAL

Gran Turismo

### REALIZAÇÃO

Neill Blomkamp

### ELENCO

David Harbour

Orlando Bloom

Archie Madekwe

### ORIGEM

EUA/Japão

### DURAÇÃO

134 min.

### ANO

2023

Honesto no preciso momento em que o filme nos apresenta um pitch (sim, literalmente um pitch!). Orlando Bloom, “disfarçado” de executivo de marketing, tenta convencer os investidores nipônicos da Nissan a apostar num novo modelo de corredor, um hipotético geek do homónimo jogo em translação às pistas de corrida, competindo com os maiores do mundo. Aqui, numa jogada que vai desde o product placement (a raiz de todo este projeto) até à proposta radicalmente absurda que nos sustenta enquanto intriga, junta-se o selo de “baseado em factos verídicos” e ... voilà ... Neill Blomkamp (“Distrito 9”) tem uma fórmula vencedora de quiche - uma conversão de consola para tela que nos soa diferente do previsível formato e igualmente próximo do que se quer em questão de “filme para massas”. Neste aspeto, apostando num conto “underdog”, na superação e no sonho à americana (neste caso, um jovem inglês sem experiência no efeito a fazer-se à pista), e embrulhado numa espécie de homenagem mercantil à matéria-

prima ... que sonho! Contudo, “Gran Turismo” não defrauda nem um, nem outro, e sendo que, na sua faceta enquanto filme, é clássico quanto ao seu termo de entretenimento, sem nunca inventar a “roda”, gere os seus ingredientes numa espécie de malabarismo de best hits do seu cineminha, com o profissionalismo compensatório (ora, temos Dave Harbour na sua forma castiça a arrecadar cada momento e cada sermão). Depois, existe a fisicalidade, as corridas ali prestadas, meio termo na água tecnológica a servir de “easter eggs”, até ao cumprimento da ação cinematográfica. Oh, gamers de olhos lacrimejados, vedes perante vós que a viatura foi puxada a lustre, resultando num “filme à antiga” como bem quiserem apelidar ou no velcro possível do videojogo triunfar em definitivo na ala do cinema-espectáculo. Conforme seja a vossa posição, “Gran Turismo” é uma aposta ganha nas duas pistas, conseguiu ser um FILME (agora se isso é transcendental ou não, é uma outra conversa)!" **HUGO GOMES**







# QUADRO DE ESTRELAS

	CATARINA MAIA	HUGO GOMES	INÉS LOURENÇO	JORGE PINTO	MANUEL C. COSTA	NUNO ANTUNES	RODRIGO FONSECA	RUI PERDO TENDINHA	SARA AFONSO	SÉRGIO ALVES	TATIANA HENRIQUES	TIAGO ALVES
UM AMOR NA ESCÓCIA			3									
BARBIE	3	3	3	3	3		3	3				3
BLUE BEETLE							4	1				
UMA BOA PESSOA												
CONSPIRAÇÃO DO CAIRO			3					3		3		3
O CRIME É MEU			3				3	3				
FALA COMIGO		3					3	3				
FALCON LAKE		4	3				3					
GRAN TURISMO		2					2	3				
OPPENHEIMER	3	2	2	4	3	4	5	3			5	4
TARTARUGAS NINJA CAOS MUTANTE							2					
UMBERTO ECO - A BIBLIOTECA DO MUNDO			3					3				
RETRATOS FANTASMAS			4				4	4		4		







# CINEMA EM CASA



NETFLIX

TÍTULO ORIGINAL

The Monkey King

REALIZAÇÃO

Anthony Stacchi

VOZES

Jimmy O. Yang

Bowen Yang

Jolie Hoang-Rappaport,

## O REI MACACO

«O Rei Macaco» da Netflix é baseado no romance clássico “Jornada ao Oeste” [“Journey to the West”], publicado em 1592 e considerado uma das maiores obras da literatura chinesa. A narrativa relata a aventura do Rei Macaco (voz de Jimmy O. Yang) na sua viagem para atingir a imortalidade e entrar no reino dos céus derrotando 100 demónios nesse processo. O macaco vai-se tornando cada vez mais convencido e antipático com o poder a subir-lhe à cabeça. O enredo é uma história de origem e descoberta do sentido da vida de alguém que nunca teve amor e que foi maltratado desde que nasceu. Ele faz-se acompanhar nesta aventura por Lin (voz de Jolie Hoang-Rappaport) e pelo seu Bastão mágico. O Bastão é a arma mais poderosa à face da terra, capaz de se aperceber do coração bom do macaco afeiçoando-se a este inusitado anti-herói. Lin é

uma jovem camponesa que se torna companheira nesta jornada alucinante e onde vai ser testada a sua paciência, amizade e lealdade. No encaixe destes companheiros está o antigo dono do Bastão, o excêntrico e trapalhão Rei Dragão (voz de Bowen Yang), este deseja consumir o mundo com a sua ambição de poder. Os seus assistentes são um par de incompetentes que são muito divertidos na sua estupidez eterna.

A obra teve o dedo e a inspiração do produtor executivo e experiente Stephen Chow, autor e protagonista dos alucinantes «Kung Fu Zão» (2004) e «O Ás da Bola». E sentimos essa conexão na viagem do Rei Macaco e nas sequências de luta e humor havendo algumas homenagens no filme a este autor de culto. **JORGE PINTO**





SKYSHOWTIME

TÍTULO ORIGINAL

Marcel the Shell with Shoes On

REALIZAÇÃO

Dean Fleischer Camp

ELENCO

Jenny Slate

Dean Fleischer Camp

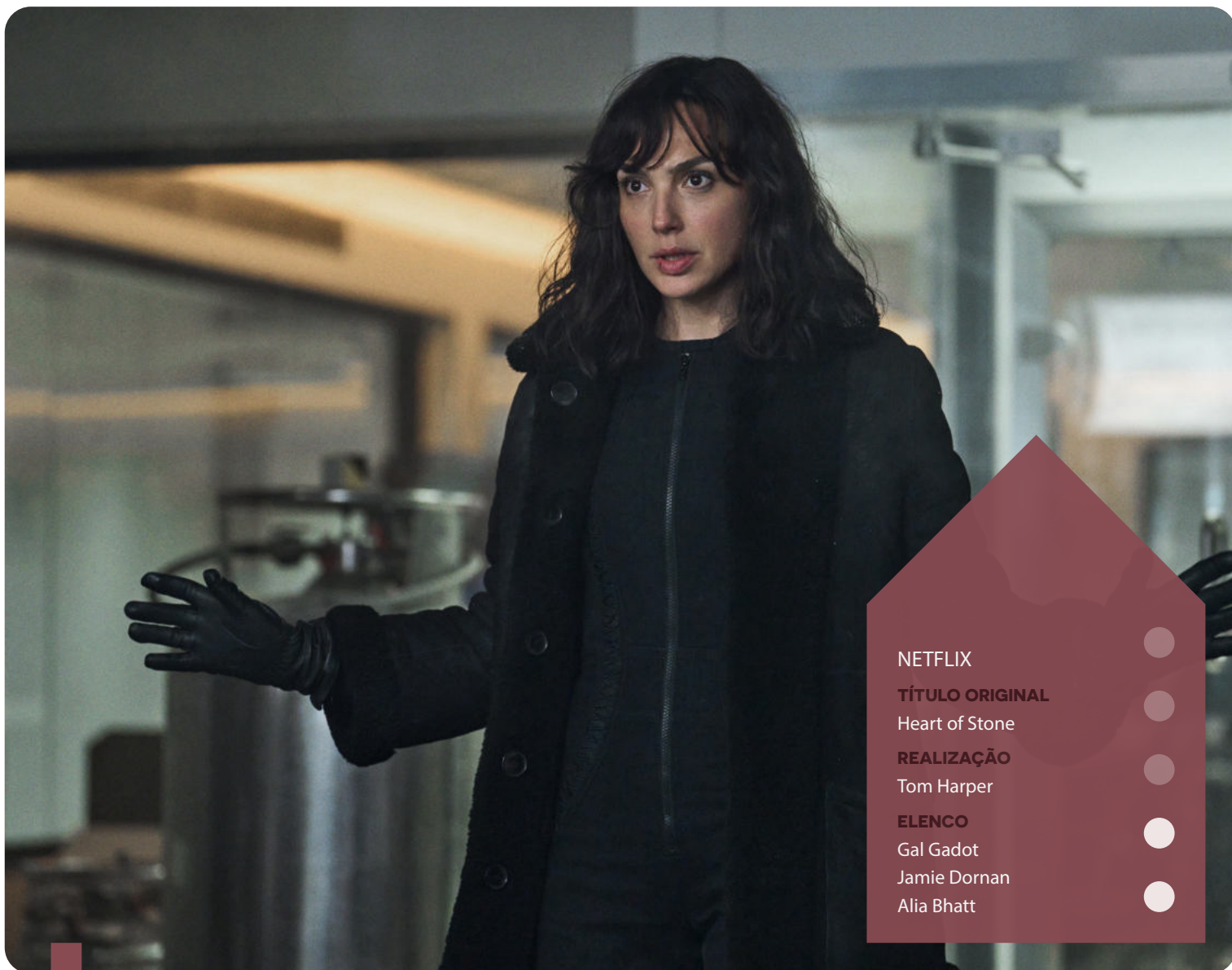
Isabella Rossellini

## MARCEL THE SHELL WITH SHOES ON

«Marcel the Shell with Shoes On» é uma pequena maravilha em *stop-motion* com um coração do tamanho do mundo. É um poço de originalidade e humanidade no lugar mais inesperado. Marcel é uma caracoleta que vive num apartamento Airbnb. A pequenina criatura é descoberta por um realizador amador que decide fazer um documentário sobre Marcel e a sua avó. Esta é a única familiar que lhe resta após a família e os amigos terem sido perdidos aquando da saída repentina de um arrendatário que, ao despejar o conteúdo de uma gaveta para dentro da sua mala, acabou por levar consigo a família de Marcel. Os vídeos de Marcel acabam por se tornar virais no Youtube e nasce assim a esperança de descobrirem a sua família. Enquanto isso, Marcel sofre de ansiedade com os problemas de saúde da sua

avó Connie que está velhinha e cada vez mais debilitada. O argumento desta maravilha é da autoria de Dean Fleischer Camp, Jenny Slate e Nick Paley que dão o salto para a longa-metragem após livros e curtas-metragens em torno da personagem de Marcel. A narrativa aborda o valor da família e os laços com a comunidade. A voz Jenny Slate torna ainda mais memorável a personagem de Marcel e Isabella Rossellini está encantadora na voz de Connie.

A animação em *stop-motion* com um pano de fundo de uma casa real torna a fantasia em algo palpável e genuíno. Entre o drama e a aventura, com imensa ternura pelo meio, «Marcel the Shell with Shoes On» é um filme obrigatório que nos faz rir e chorar. É para ver na plataforma de *streaming* SkyShowtime. **JORGE PINTO**



NETFLIX

TÍTULO ORIGINAL

Heart of Stone

REALIZAÇÃO

Tom Harper

ELENCO

Gal Gadot

Jamie Dornan

Alia Bhatt

## HEART OF STONE

Em «Heart of Stone», Rachel Stone (Gal Gadot) é uma operativa de uma agência ultrassecreta. As acções são conduzidas pelo ímpeto de capturar uma identidade de inteligência artificial que pode ser um instrumento de domínio global ao cair nas mãos erradas. A heroína é cerebral face ao pragmatismo da máquina, o espírito de improviso e os instintos da agente Stone poderão fazer toda a diferença.

É um filme de acção e aventura que Gal Gadot carrega às suas costas. A execução e a realização deixam, contudo, a desejar. «Heart of Stone» é genérico, mas não isso não seria um impedimento para proporcionar bons momentos de entretenimento. A

rodagem decorreu na Islândia, Portugal e Marrocos. E Lisboa nunca se viu uma perseguição tão espectacular com o máximo aproveitamento das sinuosas ruas da capital portuguesa em prol da acção. Infelizmente há várias sequências em que vemos claramente o ambiente CGI em torno dos personagens algo que não deveria acontecer numa produção com esta escala. O argumento está repleto de lugares comuns e fora do ritmo de Gal Gadot as restantes interações são estereotipadas, casos dos personagens de Jamie Dornan e Alia Bhatt. Gal Gadot está de regresso ao seu melhor em «Heart of Stone» mas o filme da Netflix é frio e com um sentimento déjà vu.

**JORGE PINTO**



# LÁ EM CASA,



# HÁ LUGAR PARA TODOS.

**CASA DO CINEMA DE COIMBRA**

**GALERIAS AVENIDA, AV. SÁ DA BANDEIRA · COIMBRA**

**[CAMINHOS.INFO/CASA](https://caminhos.info/casa)**

**[@CASA.CINEMA.COIMBRA](https://www.instagram.com/casa.cinema.coimbra)**



Organização

Co-organização

Membros

Parceiros Institucionais

Parceiros Estratégicos

Apoio Logístico

Apoio Mídia



**METROPOLIS**

**M**